This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

ANTOLOGIA BRASILEIRA

ORGANISADA POR

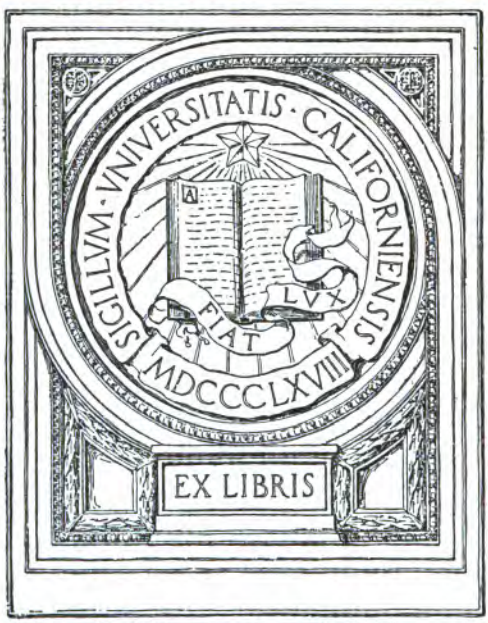
AFRÂNIO PEIXOTO E CONSTÂNCIO ALVES

UC-NRLF
$B 279 991

CASTRO ALVE

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

Digitized by Google



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

Digitized by Google

UNIV. OF CALIFORNIA

Ministério da Instrução Pública

Secretaria Geral

Considerando que é um dever patriótico estimular tôdas as iniciativas que visem a um melhor entendimento luso-brasileiro;

Tendo as livrarias Aillaud e Bertrand concorrido para êsse fim com a publicação, em Lisboa, da sua **Antologia Brasileira**, dirigida pelos ilustres escritores Afrânio Peixoto e Constâncio Alves e que é iniciada com um complemento indispensável da *Antologia Portuguesa*, da mesma casa editora:

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que ao editor Júlio Monteiro Aillaud, e aos referidos escritores Afrânio Peixoto e Constâncio Alves, seja dado público testemunho de louvor.

Paços do Govêrno da República, 11 de Fevereiro de 1921. — O Ministro da Instrução Pública, *Augusto Nobre*.

Diário do Govêrno, II série, n.º 44, 24 de Fevereiro de 1921.

Digitized by Google

ANTOLOGIA BRASILEIRA

CASTRO ALVES

Digitized by Google

Composto e impresso na TIPOGRAFIA DO ANUÁRIO COMERCIAL
Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

Digitized by Google

Antologia Brasileira

organizada por

AFRÂNIO PEIXOTO E CONSTÂNCIO ALVES

UNIV. OF CALIFORNIA

Castro Alves

O primeiro poeta brasileiro.

ANTÓNIO NOBRE.

Aí está... tôda a poesia dos trópicos.

EÇA DE QUEIROZ.

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

LIVRARIA CHARDRON
PÔRTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1921

Digitized by Google

PRESERVATION
COPY ADDED
MIE 7/2/90

UNIV. OF
CALIFORNIA

Digitized by Google

INTRODUÇÃO

António de Castro Alves nasceu do Dr. António José Alves, cirurgião e professor da Faculdade de Medicina da Baía, e de sua mulher D. Clélia Brasília da Silva Castro, a 14 de Março de 1847, na Fazenda Cabaceiras, a sete léguas de Curralinho, hoje Cidade de Castro Alves, então comarca de Cachoeira, na província da Baía.

Dos primeiros anos, passados no sertão da terra natal, devia guardar indelével impressão. Já em 1854 estava com a família na Capital, e cursava com o irmão mais velho, José António, as aulas do Gimnásio Baiano, dirigido pelo afamado educador Dr. Abílio César Borges, depois Barão de Macaúbas. Tinham os pais abastança, viviam em meio cultivado, havendo o Dr. Alves viajado pela Europa, e adquirido, além do aperfeiçoamento profissional, conhecimentos de pintura e crítica de arte, com o que lograra possuir a

645902

Digitized by Google

mais bela galeria de quadros da cidade, e a espôsa, tambêm prendada, talentos musicais apreciáveis. No colégio a atmosfera literária envolveu o jóven Castro, estimulados os ânimos fáceis da idade à produção precoce, nos «oiteiros» ou saraus, então em moda, festas de arte, música, poesia, declamação de versos e discursos, de que ficaram memórias impressas. Com tais disposições, não se deixaria de revelar o nosso poeta, talvez antes dos treze anos, nesta idade com certeza, de que datam as primeiras composições conservadas.

Destinado ao estudo do direito, teria de fazer os seus exames no curso anexo da Faculdade do Recife, para onde foi mandado em 1862. Aí a vida agitada e sôlta da academia, onde os moços de talento porfiavam por aparecer, a índole generosa de Castro Alves, que desde cedo aspirou à glória que dão as grandes causas sociais, fizeram dêle um tribuno e um poeta, que se não furtava às sessões públicas na Faculdade, nas sociedades de estudantes, na plateia dos teatros, estimulado desde logo pelos aplausos e ovações que começara a receber e iam num crescendo de apoteose.

Digitized by Google

Era então um belo rapaz, de porte esbelto, tez pálida, grandes olhos vivos, negra e basta cabeleira, voz possante e harmoniosa, irrepreensivelmente vestido de prêto, dons e maneiras que impressionavam a multidão, impondo-se à admiração dos homens e às mulheres inspirando os mais ternos sentimentos. Ocorrem então os primeiros romances de amor, vividos, e por isso sentidos nos seus versos, os mais belos poemas líricos escritos no Brasil. Influência decisiva na vida do poeta teria exercido a actriz portuguesa Eugénia Câmara, que aqui viera com Furtado Coelho, travêssa e graciosa, mulher feita e bem feita para atear e entreter paixões, que pelo belo vate adolescente abandonou seus contratos e empresários, e com quem veio à Baía, depois ao Rio e a S. Paulo, exibindo-se no palco e na sua arte, quando o amor lho permitia, emquanto Castro Alves com os seus poemas revolucionários recolhia na praça pública, na mocidade das escolas, na plateia dos teatros as sagrações de poeta social, o de nosso maior poeta épico.

Foi esta a fase intensa de produção literária e a do seu apostolado por duas

Digitized by Google

grandes causas que o preocuparam sempre: — uma, instante, social e moral, a da abolição da escravatura, que infamava o Brasil; — outra, a república, aspiração política, suposta um ideal de govêrno democrático, a que devia tender um povo livre. Além de poemas inspirados, data dêste tempo, o seu drama *Gonzaga* ou a *Revolução de Minas*, representado na Baía e depois em S. Paulo, no qual conseguiu congraçar as duas grandes causas de sua vocação.

Estava quási em meio do curso, quando, vindo à Baía em 1867, na companhia de Eugénia Câmara, até aí constante, resolveu terminar os estudos em S. Paulo, passando pelo Rio, no comêço de 68, recebendo não só a consagração pública de José de Alencar e de Machado de Assis, como do povo da metrópole, a quem recitara versos, do balcão de um dos jornais cariocas em dia de exaltação patriótica pelas vitórias da guerra contra o Paraguai.

Continuou em S. Paulo os estudos, e continuou principalmente a produção intensa dos seus poemas líricos e heróicos, publicados nos jornais, ou recitados nas

Digitized by Google

festas literárias, e que produziam a maior e mais ruidosa impressão: tinha então 21 anos, e possuia uma nomeada incomparável na sua geração, que deu entretanto os mais formosos talentos e capacidades literárias e políticas ao país; baste lembrar alguns nomes de seus companheiros de academia: Joaquim Nabuco, Fagundes Varela, Rui Barbosa, Afonso Pena, Rodrigues Alves, Bias Fortes, Martim Cabral, Salvador de Mendonça, Ferreira de Menezes, Barros Pimentel, Didimo da Veiga, Brasílio Machado, Júlio César de Morais Carneiro, o depois Padre Júlio Maria... e tantos outros, que lhe assistiram aos triunfos e não lhe disputaram a primazia.

Para distrair mágoas de coração que lhe dava a inconstante e sempre amada Eugénia — causa e culpa de tantos versos apaixonados — entregava-se ao divertimento das caçadas, nos arredores de S. Paulo, quando um dia, em fins de 68, num acidente, feriu o pé com um tiro desastrado. Daí resultou longa enfermidade, intervenções cirúrgicas, chegando ao Rio em começo de 69, para salvar a vida, mas com o martírio de uma ampu-

Digitized by Google

tação. Mutilado, obrigado a procurar o consôlo da família na terra natal, em fins dêsse ano, e os bons ares do sertão em 1870, para atalhar a ameaça de uma consumpção, infelizmente pouco mais durou, vindo a falecer na cidade da Baía, a 6 de Julho de 1871: vivera 24 anos, alcançando desde os dezasseis de sua idade, durante os oito que ainda iria viver a fama justificada de primeiro poeta brasileiro.

*
* *

Êste julgamento é o da posteridade, enunciado pelos doutos e capazes e ratificado nestes cinqüenta anos que se espaçam de sua morte até hoje, na infinidade de edições de seus livros, os mais lidos de nossa literatura, pelo povo, que é o árbitro definitivo da glória literária.

A poesia brasileira foi «colonial», até depois do meado do século XIX. Clássica e arcádica, a princípio imitando os modelos lusitanos, quando veio o romantismo continuou a inspirar-se, senão nos motivos, na forma portuguesa: em Gonçalves Magalhães dominam os temas eu-

Digitized by Google

ropeus, e Gonçalves Dias, a-pesar-dos seus selvagens, que são fidalgos e cavalheiros andantes, é genuinamente lusitano, na idea e na forma. Álvares de Azevedo imitaria Byron, suprindo com o génio a inexperiência de adolescente; Junqueira Freire, levado pela paixão ao claustro, precederia a Antero de Quental, no misticismo filosófico: só Casimiro de Abreu pela sensibilidade magoada, Fagundes Varela pela inspiração da natureza, começariam a ser verdadeiramente brasileiros.

Castro Alves o foi, completamente, na sensibilidade, na forma, na idea, sentindo a natureza do Brasil, apaixonando-se pelos ideais brasileiros, manifestando-se com uma pujança, um colorido, uma espontaneidade, um arroubo, uma originalidade, desconhecidas até então e, até agora, não igualados nos fastos das letras nacionais.

Poeta nacional, se não mais nacionalista, «poeta social, humano e humanitário...» (1) condoeu-se à sorte dos escra-

(1) José Veríssimo — *História da Literatura Brasileira*, Rio, 1916, pág. 337.

Digitized by Google

vos, uma raça inteira reduzida ao martírio e que, em represália ao êrro da crueldade e da cobiça, corrompia o corpo e a alma do Brasil da mais nefanda das degenerações. Pôs as suas ideas à frente de seu sentimento e, num tempo em que essa miséria não comovia a ninguêm, despertou com os seus poemas arrebatadores, piedosos ou indignados, a sensibilidade humana e patriótica da geração que, vinte anos mais tarde, viria a conseguir a liberdade (1). Por todo o país ecoaram os seus versos magníficos de *As Vozes d'África*, do *Navio Negreiro*, da *Tragédia no lar*, do *Adeus, meu canto!*, com sonoridades de epopeia: e os abolicionistas surgiram, para realizar o sonho do Poeta. Por isso deram-lhe o nome invejável de «Poeta dos Escravos». Das alturas do seu génio compreendera que não há grande homem sem uma grande causa social a que tenha servido, e não aspirou a outra glorificação que a dessa obra realizada. A morte, depois, não importaria...

---

(1) Afrânio Peixoto — *Poeira da Estrada*, Rio, 1918, pág. 251.

Digitized by Google

Da tumba da infâmia erguer um povo
Fazer de um verme — um rei.

Depois morrer... que a vida está completa
— Rei ou tribuno, César ou poeta,
Que mais quereis, depois?
Basta escutar do fundo lá da cova
Dançar em vossa lousa a raça nova
Libertada por vós...

Mas, não só a liberdade dos escravos foi sua aspiração, senão também a liberdade dos outros brasileiros, pois que nestas terras prometidas da América não podemos compreender outro ideal político aquêm da República. No *Gonzaga* ou a *Revolução de Minas*, drama que se passa no tempo colonial, as grandes ideas animadoras são a Independência, a Abolição, e a República. Por isso foi justo Joaquim Nabuco, quando lhe chamou «o Poeta republicano do *Gonzaga*» (1). Êle a compreenderia, românticamente, como a sublimação do próprio ideal democrático:

República... vôo ousado
Do homem feito condor...

(1) Joaquim Nabuco — *Minha formação*, Rio-Paris, 1900, pág. 7.

Digitized by Google

A realeza obsoleta

Desvario das frontes coroadas...

se não capitulasse, veria

A cabeça dos reis — semente enorme
Que a multidão plantou...

e donde havia de nascer a árvore da liberdade. O Poeta tinha, completo, o seu destino com o servir à Pátria

Legar no testamento — uma bandeira,
¡E ao mundo — uma nação!

Pórtanto, só a sociologia desastrada e a crítica pitoresca de Teófilo Braga, citando alguns poetas brasileiros, e entre êles Castro Alves, inventaria que a nota característica da nossa poesia é a sensualidade, devida à mestiçagem (1). Filhos de Portugueses nos trópicos, não somos, por isso, menos nobres de raça que os nossos pais; a intrusão de algum sangue africano e aborígene que tivemos, tiveram êles também, antes de nós, com o

(1) Teófilo Braga — *Parnaso português moderno*, Lisboa, 1877, p. XIX-XX.

Digitized by Google

dos árabes e, também o de africanos: Portugal só possui um moderno poeta social, da envergadura de Castro Alves, brasileiro e ariano como os portugueses mais afinados e nobres. Os alexandrinos fulgurantes de Guerra Junqueiro arrasaram o clericalismo e a dinastia bragantina, causas tão liberais quanto as de seu precursor americano. Essa precessão não será só de idea política, mas de forma literária: os epítetos coruscantes, o tropel dos adjectivos, as imagens truculentas, por vezes o estilo apocalíptico, lhes são comuns; dos dois é o sôpro heróico da inspiração. Leia-se, por exemplo, «O livro e a América», a «Deusa Incruenta», ou «Os Jesuítas»... Só o autor dos versos-açoites ou das rimas-de-ferro-em-brasa, da «Velhice do Padre Eterno» ou da «Pátria», os sentiu tão veementes ou tão elevados. Uma citação por amostra: é a Imprensa:

Quando Ela se alteou das brumas da Alemanha
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha
Na dextra suspendendo a estrêla da manhã,
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes,
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes
¡Dos cimos do Perú... às grimpas do Indostan!

Digitized by Google

Ainda outra citação, não para confirmar o que vai dito, mas como antecipação do livro que se vai ler. Quando a Europa deixou a Prússia assassinar a França e preparar-se, pela sua cumplicidade no crime de 1870, aquele que banharia a terra em sangue, vingando-o, em 1914, teve Castro Alves a visão profética da ingerência da América nos destinos do mundo...

Já que a terra estacou na órbita imensa;
Já que tudo mentiu — a glória! a crença!
A liberdade! a cruz!
E o sisifo dos séculos — assombrado
Viu rolar-lhe do dorso ensangüentado
O rochedo de luz...

Já que o amor transmudou-se em ódio acerbo,
Que a eloqüência é o canhão, a bala — o verbo
O ideal — o horror!
E nos fastos do século os tiranos
Traçam com a ferradura dos Ulanos
O ciclo do terror...

.....

Já que é mentira a voz da — Humanidade
Já que riscam da Bíblia a caridade
E d'alma o coração...
E a noite da descrença desce feia
E tropeçando em ossos cambaleia
Dos povos a razão!...

.....

Digitized by Google

Filhos do Novo-Mundo! ergamos nós um grito
Que abafe dos canhões o horrísono rugir...
Em frente do oceano! em frente do infinito!
Em nome do progresso! em nome do porvir!

Não deixemos, hebreus, que a dextra dos tiranos
Manche a arca ideal das nossas ilusões.
A herança de um suor vertido em dois mil anos
Há de intacta chegar às novas gerações.

.....

Não! ¡clamemos bem alto à Europa, ao globo inteiro!
¡Gritemos — liberdade — em face da opressão!
¡Ao tirano dizei — tu és um carniceiro!
¡É um crime de bronze — escreva-se ao canhão!

¡Falemos da justiça — em frente à mortandade!
¡Falemos do direito — ao gládio que reluz!
¡Se êles dizem — rancor — dizei fraternidade!
¡Se erguem a meia-lua, ergamos nós a cruz!

.....

¡Digamos a Strasburg — mereces do Universo!
Digamos... Não! Silêncio em frente de Paris ..
O Amazonas que leve o nosso pranto imerso
À glória das Vestais! à herdeira das Judiths!

Mais ainda, êste poeta nacional e social, patriota e humanitário, era também um poeta-pensador: só em Camões, lêde bem, só em Camões, se acharão, em português, e com tal profusão, os conceitos filosóficos, íntimos e profundos, que abundam

Digitized by Google

nos versos de Castro Alves; alguns exemplos:

... Quando o tempo entre os dedos
Quebra um século, uma nação...
Encontra nomes tão grandes
Que não lhe cabem na mão ..
.....
O Século — traça que medra
Nos livros feitos de pedra
Rói o mármore, cruel...
O tempo — Atila invisivel
Quebra com a pata insensivel
Sarcófago e capitel
....
Ai! Quem sobe ao Capitólio
Vai precedido de pó...
.....
... Eu sei que o filho torpe
Faz o morto soluçar...

O génio é como Ahasverus,

Invejado! a invejar os invejosos
.....
E sempre a caminhar, sempre a seguir...
.....
Mas quando a terra diz: «Êle não morre»
Responde o desgraçado: «Eu não vivi!»

O «mimo de espontaneidade e viveza natural» que em nossa poesia reconheceu

Digitized by Google

Antero de Quental (1) se entende, entretanto, de sua poesia, a de Castro Alves, da qual veio ainda a dizer Eça de Queiroz, ouvindo algumas estrofes: «¡Aí está tôda a poesia dos trópicos!» (2). Como os estrangeiros, os nacionais o reconhecem: «a natureza sorri, irradia, magoa-se nos seus versos (3); a paisagem brasileira não existia na poética nacional antes dêle (4). E com isto, êste poeta brasileiro alça-se pela inspiração a alturas vertiginosas, como em nossa linguagem apenas Junqueiro o alcançaria depois; penetra pela sensibilidade às intimidades de coração, como só as sentiriam os recentes Eugénio de Castro, António Nobre, ou Correia d'Oliveira. Aquelas imagens cósmicas de um, foram dêle:

> Debruçados do céu... a noite e os astros
> Seguiam da peleja o incerto fado...

---

(1) Antero de Quental — *Tesouro poético da infância*, Pôrto, 1883, p. XII.

(2) Afrânio Peixoto — *Op. cit.*, p. 252.

(3) Rui Barbosa — *Elogio a Castro Alves*, Baia, 1881, p. 12.

(4) José Oiticica — *Jornal do Comércio*, Rio, 25 Dez., 1913, p. 21.

Digitized by Google

ou:

As estrêlas no céu scintilam lânguidas,
Pérolas sôltas de um colar sem fio...

ou ainda:

... a terra é como o insecto friorento
Dentro da flor azul do firmamento
Cujo cálix pendeu...

Os versos heróicos, às vezes apocalípticos, como tantos do mesmo Junqueiro, ou do mestre de ambos, Hugo, alcançam entretanto o épico mais puro e mais nobre: Alberto de Oliveira pôde dizer que «excepto algumas estâncias camoneanas, não conheço em nossa língua outros versos tão vibrantes» (1).

Êsses acentos grandíloquos deixavam entretanto espaço às pausas líricas, de uma sensibilidade meiga e dolorida, outras alacre e comunicativa, sem par em nossa poesia. Antes daquele verso de Eu-

(1) Alberto de Oliveira — *Prefácio às «Espumas Flutuantes»*, Rio, 1918, p. 6 e 7.

Digitized by Google

génio de Castro, que traduz um estado de alma:

... Casas abandonadas. . minhas irmãs!...

dissera Castro Alves:

Oh! jardim solitário! Relíquia do passado!
Minh'alma, como tu, é um parque arruinado...

Para consolar-se, busca o seio materno da terra natal:

¡Abre-me o seio, ó Madre Natureza!
Regaços da floresta americana,
Acalenta-me a mádida tristeza
Que da vaga das turbas espadana.
Troca desta alma a fria morbideza
Nessa ubérrima seiva soberana
O *Pródigo*... do lar procura o trilho
Natureza! ¡Eu voltei... e eu sou teu filho!

Vinha cansado da glória e do amor... Do amor, pelo qual proferira a mais formosa impiedade que uma mulher já inspirou:

¡Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

amor amado, sentido, sofrido, que nin-

Digitized by Google

guêm exprimiu mais sinceramente do que êle:

¡No seio da mulher há tanto aroma!
¡Nos seus beijos de fogo há tanta vida!
.....

'Stá vazio o nosso leito
'Stá vazio o mundo inteiro...
.....

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme a tua alma como a lira ao vento,
¡Das teclas do teu seio que harmonias
Que escalas de suspiros beijo atento!

Ai! canta a cavatina do delírio,
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
Marion! Marion! É noite ainda
¡¿Que importa os raios de uma nova aurora!?

Como em negro e sombrio firmamento
Sôbre mim desenrola o teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando:
Boa-noite! formosa Consuelo!...

Quando «Ela» parte, pregunta desesperado:

¿Sem *Ela* o que é a vida?
.....
Oh! minha amante, onde estás?...

Digitized by Google

Refugia-se então na arte, como um rei exilado, antes da grande paz que é o esquecimento, ou a morte:

> ... O verso é uma pousada
> Aos reis que perdidos vão
> A estrofe é a púrpura extrema,
> ¡Último trono — é o poema!
> Último asilo — a canção!

Foi para êle, de facto, antes da morte, não com o esquecimento, mas com a glória — o mais lido pelo povo, o mais recitado pelos moços, o mais admirado pelos doutos, merecendo êste juízo em que a justiça dos pósteros falou pela bôca de António Nobre: «o maior poeta brasileiro...» (1)

A. P.

(1) António Nobre — *Correspondência* — «A Rajada», Rio, Abril 1920, p. 51.

Digitized by Google

Digitized by Google

Bibliografia de Castro Alves

ESPUMAS FLUTUANTES :

I	Camilo Lelis Masson..	Baía.....	1870	1
II	Francisco Olivieri.....	»	1875	2
III	» »	»	1878	3
IV	» »	»	1880	4
V	Cruz Coutinho.....	Rio.....	1881	5
VI	Serafim José Alves....	»	1881	6
VII	B. L. Garnier.....	»	1883	7
VIII	» » » & E. Mel-lier.....	Rio-Paris	1884	8
IX	Carlos Pinto & C.ª....	Pelotas-P. Alegre	1888	9
X	Teixeira & Irmão.....	S. Paulo.....	1889	10
XI	B. L. Garnier, H. Garnier, Suc.....	Rio-Paris.....	1895	11
XII	H. Garnier.....	» »	1897	12
XIII	Laemmert & C.ª.....	Rio-S. Paulo	1898	13
XIV	H. Garnier..	Rio-Paris	1901	14
XV	» »	» »	1904	15
XVI	Carlos Echenique.....	Pôrto Alegre	1909	16
XVII	Livraria Garnier.....	Rio-Paris	1913	17
XVIII	» Magalhães...	S. Paulo.....	1915	18
XIX	» Garnier.....	Rio-Paris	1917	19
XX	H. Antunes & C.ª.....	Rio-Lisboa.....	1918	20
XXI	Livraria Magalhães....	S. Paulo.....	1918	21
XXII	» Garnier.....	Rio-Paris	1919	22
XXIII	H. Antunes & C.ª.....	Rio-Lisboa.....	1920	23

Digitized by Google

GONZAGA OU A REVOLUÇÃO DE MINAS:

I	Cruz Coutinho.....	Rio.....	1875	24
II	Serafim José Alves.....	»	1876	25
III	H. Antunes & C.ª.....	Rio-Lisboa.....	1920	26

CACHOEIRA DE PAULO AFONSO:

I	Imprensa Económica	Baía.....	1876	27
II	Cruz Coutinho.....	Rio.....	1882	28
III	H. Antunes & C.ª.....	Rio-Lisboa.....	1920	29

VOZES D'ÁFRICA — NAVIO NEGREIRO:

I	Serafim José Alves.....	Rio.....	1880	30
II	Laemmert & C.ª.....	Rio-S. Paulo....	1905	31

CONSUELO:

I	Casa Endrizzi.....	S. Paulo.....	—	32

OS ESCRAVOS:

I	Serafim José Alves.....	Rio.....	1883	33
II	(?) (1)	Lisboa.....	1884	34
III	H. Antunes.....	Rio-Lisboa	1920	35

(1) Desta edição só encontrei sumária noticia no «Catálogo da Livraria Avelar Machado», rua do Poço dos Negros, 19-21, Lisboa, de Julho de 1916, sob o n.º 4067.

Digitized by Google

CACHOEIRA DE PAULO AFONSO — MANUSCRITOS DE STENIO-GONZAGA:

I	B. L. Garnier	Rio-Paris	1884	36
II	» » »	» »	1888	37
III	H. Garnier	» »	1895	38
IV	Laemmert & C.ª	Rio-S. Paulo	1898	39
V	H. Garnier	Rio-Paris	1902	40
VI	» »	» »	1906	41
VII	Livraria Garnier	» »	1910	42

CORRESPONDÊNCIA:

I	*in* Alfredo de Carvalho: *Castro Alves em Pernambuco*	Recife	1905	43
II	*in* Mucio Teixeira: *Vida e obras de Castro Alves* .	Baía	1906	44
III	*in* Xavier Marques: *Vida de Castro Alves*	»	1911	45
IV	H. Antunes & C.ª	Rio-Lisboa	1920	46

POESIAS ATÉ AGORA NÃO REÚNIDAS EM VOLUME:

I	Livraria Catilina	Baía	1913	47

OBRAS COMPLETAS:

I	Livraria Alves	Rio	1921	48

ANTOLOGIA: POESIAS ESCOLHIDAS:

I	Livraria Aillaud	Lisboa	1921	49

Digitized by Google

Digitized by Google

PRÓLOGO

Era por uma dessas tardes em que o azul do céu oriental — é pálido e saudoso, em que o rumor do vento nas vêrgas — é monótono e cadente, e o quebro da vaga na amurada do navio — é queixoso e tétrico.

Das bandas do ocidente o sol se atufava nos mares «como um brigue em chamas»... e daquele vasto incêndio do crepúsculo alastrava-se a cabeça loura das ondas.

Alêm... os cerros de granito dessa formosa terra de Guanabara, vacilantes, a lutarem com a onda invasora de azul, que descia das alturas... recortavam-se indecisos na penumbra do horizonte.

Longe, inda mais longe... os cimos fantásticos da serra dos Órgãos embebiam-se na distância, sumiam-se, abismavam-se numa espécie de naufrágio celeste.

Digitized by Google

Só e triste, encostado à borda do navio, eu seguia com os olhos aquele esvaecimento indefinido e minha alma apegava-se à forma vacilante das montanhas — derradeiras atalaias dos meus arraiais da mocidade.

E' que lá dessas terras do sul, para onde eu levara o fogo de todos os entusiasmos, o viço de tôdas as ilusões, os meus vinte anos de seiva e de mocidade, as minhas esperanças de glória e de futuro;... é que dessas terras do sul, onde eu penetrara «como o moço Rafael subindo as escadas do Vaticano»;... volvia agora silencioso e alquebrado... trazendo por única ambição — a esperança de repouso em minha pátria.

Foi então que, em face destas duas tristezas — a noite que descia dos céus, — a solidão que subia do oceano —, ¡recordei-me de vós, ó meus amigos!

E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira, onde vagara; nem sequer a lembrança desta alma, que convosco e por vós vivera e sentira, gemera e cantara...

¡Ó espíritos errantes sôbre a terra!
¡Ó velas enfunadas sôbre os mares!...

Digitized by Google

Vós bem sabeis quanto sois efémeros... — passageiros que vos absorveis no espaço escuro, ou no escuro esquecimento.

E quando — comediantes do infinito — vos obumbrais nos bastidores do abismo, ¿o que resta de vós?

— Uma esteira de espumas... — flores perdidas na vasta indiferença do oceano. — Um punhado de versos... — ¡espumas flutuantes no dorso fero da vida!...

¿E o que são na verdade estes meus cantos?...

Como as espumas, que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, êles são filhos da musa — êste sôpro do alto; do coração — êste pélago da alma.

E como as espumas são, às vezes, a flora sombria da tempestade, êles por vezes rebentaram ao estalar fatídico do látego da desgraça.

E como também o aljôfre dourado das espumas reflecte as ópalas rutilantes do arco-íris, êles por acaso reflectiram o prisma fantástico da ventura ou do entusiasmo — ¡estes signos brilhantes da aliança de Deus com a juventude!

Mas, como as espumas flutuantes levam, boiando nas solidões marinhas, a

Digitized by Google

lágrima saudosa do marujo... ¡possam êles, ó meus amigos! — efémeros filhos de minh'alma — ¡levar uma lembrança de mim às vossas plagas!...

S. Salvador — Fevereiro de 1870.

Castro Alves.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

DEDICATÓRIA

A pomba d'aliança o vôo espraia
Na superfície azul do mar imenso,
Rente... rente da espuma já desmaia
Medindo a curva do horizonte extenso...
Mas um disco se avista ao longe... ¡A praia
Rasga nitente o nevoeiro denso!...
Ó pouso! ó monte! ó ramo de oliveira!
¡Ninho amigo da pomba forasteira!...

Assim, meu pobre livro as àsas larga
Neste oceano sem fim, sombrio, eterno...
O mar atira-lhe a saliva amarga,
O céu lhe atira o temporal de inverno...
¡O triste verga à tão pesada carga!
¿Quem abre ao triste um coração paterno?...
¡É tão bom ter por árvore — uns carinhos!
¡É tão bom de uns afectos — fazer ninhos!

Pobre órfão! Vagando nos espaços
¡Embalde às solidões manda um grito!
Que importa? De uma cruz ao longe os braços
Vejo abrirem-se ao mísero precito...
¡Os túmulos dos teus dão-te regaços!
Ama-te a sombra do salgueiro afflito...
Vai, pois, meu livro! e como louro agreste
¡Traz-me no bico um ramo de... cipreste.

Baía, Janeiro de 1870.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

MOCIDADE E MORTE

E perto avisto o pôrto
Imenso, nebuloso e sempre noite
Chamado — Eternidade. —

LAURINDO.

Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate.

DANTE.

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
— Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lágea fria.

Morrer... quando êste mundo é um paraisò,
E a alma um cisne de douradas plumas:
Não! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar à tôna das espumas.
Vem! formosa mulher — camélia pálida,
Que banharam de pranto as alvoradas,
Minh'alma é a borboleta, que espaneja
O pó das asas lúcidas, douradas...

Digitized by Google

E a mesma voz repete-me terrivel,
Com gargalhar sarcástico: — impossivel!

Eu sinto em mim o borbulhar do génio.
Vejo além um futuro radiante:
Avante! — brada-me o talento n'alma
E o eco ao longe me repete — avante! —
O futuro... o futuro... no seu seio...
¡Entre louros e bênçãos dorme a glória!
Após — um nome do universo n'alma,
Um nome escrito no Pânteon da história.

E a mesma voz repete funerária:
Teu Pânteon — a pedra mortuária!

Morrer — é ver extinto dentre as névoas
O fanal, que nos guia na tormenta:
Condenado — escutar dobres de sino,
— Voz da morte, que a morte lhe lamenta —
Ai! morrer — é trocar astros por círios,
Leito macio por esquife imundo,
Trocar os beijos da mulher — no visco
Da larva errante no sepulcro fundo.

Ver tudo findo... só na lousa um nome,
Que o viandante a perpassar consome.

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrivel me devora a vida:
Triste Ahasverus, que no fim da estrada,
Só tem por braços uma cruz erguida.

Digitized by Google

Sou o cipreste, qu'inda mesmo fiórido,
¡Sombra de morte no ramal encerra!
Vivo — que vaga sôbre o chão da morte,
Morto — entre os vivos a vagar na terra.

Do sepulcro escutando triste grito
¡Sempre, sempre bradando-me: maldito! —

¡E eu morro, ó Deus! na aurora da existência,
Quando a sêde e o desejo em nós palpita...
Levei aos lábios o dourado pomo,
Mordi no fruto podre do Asfaltita.
No triclínio da vida — novo Tântalo —
O vinho do viver ante mim passa...
Sou dos convivas da legenda Hebraica,
O estilete de Deus quebra-me a taça.

É que até minha sombra é inexorável,
Morrer! morrer! soluça-me implacável.

¡Adeus, pálida amante dos meus sonhos!
Adeus, vida! Adeus, glória! amor! anelos!
Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga
Os prantos de meu pai nos teus cabelos.
Fôra louco esperar! fria rajada
Sinto que do viver me extingue a lampa...
Resta-me agora por futuro — a terra,
Por glória — nada, por amor — a campa.

Adeus!... arrasta-me uma voz sombria
¡Já me foge a razão na noite fria!...

1864.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

DALILA

Fair defect of nature

MILTON *(Paradise lost.)*

Foi desgraça, meu Deus!... Não!... Foi loucura
Pedir seiva de vida — à sepultura,
Em gêlo — me abrasar,
Pedir amores — a Marcô sem brio,
E a rebolcar-me em leito imundo e frio
— A ventura buscar.

Errado viajor — sentei-me à alfombra
E adormeci da mançanilha à sombra
Em berço de setim...
Embalava-me a brisa no meu leito...
Tinha o veneno a lacerar-me o peito
— A morte dentro em mim...

Foi loucura!... No ocaso — tomba o astro;
A estátua branca e pura de alabastro
— Se mancha em lôdo vil...
¿Quem rouba a estrêla — à tumba do ocidente?
¿Que Jordão lava na lustral corrente
O marmóreo perfil?...

Digitized by Google

Talvez!... Foi sonho!... Em noite nevoenta
Ela passou sòsinha, macilenta
Tremendo a soluçar...
Chorava — nenhum eco respondia...
Sorria — a tempestade alêm bramia...
E ela sempre a marchar.

E eu disse-lhe: Tens frio? — arde minha alma.
¿Tens os pés a sangrar? — podes em calma
Dormir no peito meu.
Pomba errante — ¡é meu peito um ninho vago!
Estrêla — tens minha alma — imenso lago —
Reflecte o rosto teu!...

E amamos... Êste amor foi um delirio...
Foi ela minha crença, foi meu lirio,
Minha estrêla sem véu...
Seu nome era o meu canto de poesia,
Que com o sol — pena de ouro — eu escrevia
Nas lâminas do céu.

Em seu seio escondi-me... como à noite
Incauto colibri, temendo o açoite
Das iras do tufão,
A cabecinha esconde sob as àsas,
Faz seu leito gentil por entre as gazas
Da rosa do Japão.

Digitized by Google

E depois... embalei-a com meus cantos
Seu passado esqueci... lavei com prantos
Seu lôdo e maldição...
... Mas um dia acordei... E mal desperto
Olhei em tôrno a mim... — Tudo deserto...
Deserto o coração...

Ao vento, que gemia pelas franças
Por ela preguntei... de suas tranças
À flor que ela deixou...
Debalde... Seu lugar era vazio...
E meu lábio queimado e o peito frio,
Foi ela que o queimou...

Minha alma nodoou no ósculo imundo,
Bem como Satanás — beijando o mundo —
Manchou a criação,
Simoun — crestou-me da esperança as flores...
Tormenta — ela afogou nos seus negrores
A luz da inspiração...

Vai, Dalila!... É bem longa tua estrada...
É suave a descida — terminada
Em báratro cruel.
Tua vida — é um banho de ambrosia...
Mais tarde a morte e a lâmpada sombria
Pendente do bordel.

Digitized by Google

Hoje flores... A música soando...
As perlas do Champanhe gotejando
Em taças de cristal.
A volúpia a escaldar na louca insónia...
Mas sufoca os festins de Babilónia
A legenda fatal.

Tens o seio de fogo e a alma fria.
O scetro empunhas lúbrico da orgia
¡Em que reinas tu só!...
Mas que finda o ranger de uma mortalha,
A enxada do coveiro que trabalha
A revolver o pó.

Não te maldigo, não!... Em vasto campo
Julguei-te — estrêla, — e eras — pirilampo
Em meio à cerração...
Prometeu — quis dar luz à fria argila...
Não pude... Pede a Deus, louca Dalila,
A luz da redenção!...

Recife, Setembro de 1864.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

A CRUZ DA ESTRADA

Tu que passas, descobre-te. Ali dorme
O forte que morreu.

A. Herculano.

Invideo quia quiescunt.

Lutero.

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz a dormir na solidão.

¿Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vais espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

É de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insónia atroz;
Deixa-o dormir no leito de verdura
Que o Senhor, dentre as relvas, lhe compôs.

Digitized by Google

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme por êle à tarde no sertão;
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Entre os braços da Cruz a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu;
Chora orvalhos a grama, que palpita,
Lhe acende o vagalume o facho seu.

Quando à noite o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus...
Prende-se a voz na bôca das cascatas
E as àsas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! ¡do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.

Recife, 22 de Junho de 1865.

(Os Escravos.)

Digitized by Google

O SÉCULO

Soldados, ¡do alto daquelas pirâmides quarenta séculos vos contemplam!

NAPOLEÃO.

O século é grande e forte.

V. HUGO.

Da mortalha de seus bravos
Fêz bandeira a tirania
Oh! armas, talvez o povo,
De seus ossos faça um dia.

J. BONIFÁCIO.

O século é grande. No espaço
Há um drama de treva e luz.
Como Cristo a liberdade
Sangra no poste da cruz.
Um corvo escuro, anegrado,
Obumbra o manto azulado,
Das àsas d'águia dos céus...
Arquejam peitos e frontes...
Nos lábios dos horizontes
Há um riso de luz... É Deus.

Digitized by Google

Às vezes quebra o silêncio
Ronco estridulo feroz.
Será o rugir das matas,
¿Ou da plebe a imensa voz?...
Treme a terra hirta e sombria...
¿São as vascas da agonia
Da liberdade no chão?...
¿¡ Ou do povo o braço ousado
Que sôbre montes calcado
Abala-os como um Titão?!...

Ante êsse escuro problema
Há muito irónico rir.
P'ra nós o vento da esp'rança
Traz o pólen do porvir.
E emquanto o scepticismo
Mergulha os olhos do abismo,
Que a seus pés raivando tem,
Rasga o moço os nevoeiros,
P'ra dos morros altaneiros
Ver o sol que irrompe além.

Tôda noite — tem auroras,
Raios — tôda a escuridão.
Moços, creamos, não tarda
A aurora da redenção.
Gemer — é esperar um canto...
Chorar — aguardar que o pranto
Faça-se estrêla nos céus.
O mundo é o nauta nas vagas...
Terá do oceano as plagas
Se existe justiça e Deus.

Digitized by Google

Emtanto inda há muita noite
No mapa da criação.
Sangra o abutre dos tiranos
Muito cadáver — nação.
Desce a Polónia esvaída,
Cataléptica, adormida,
À tumba do Sobieski;
Inda em sonhos busca a espada...
Os reis passam sem ver nada...
E o Czar olha e sorri...

Roma inda tem sôbre o peito
O pesadelo dos reis.
A Grécia espera chorando
Canaris, Byron talvez!
Napoleão amordaça
A bôca da populaça
E olha Jersey com terror,
Como o filho de Sorrento,
Treme ao fitar um momento
O Vesúvio aterrador.

A Hungria é como um cadáver
Ao relento exposto nu;
Nem sequer lhe abriga a sombra
Do foragido Kossúth.
Aqui - o México ardente,
— Vasto filho independente
Da liberdade e do sol —
Jaz por terra... e lá soluça
Juarez, que se debruça
E diz-lhe: «Espera o arrebol!»

Digitized by Google

O quadro é negro. Que os fracos
Recuem cheios de horror.
A nós, herdeiros dos Gracos,
Traz a desgraça valor!
Lutai... Há uma lei sublime
Que diz: «à sombra do crime
Há de a vingança marchar»
¿Não ouvis do Norte um grito,
Que bate aos pés do infinito,
Que vai Franklin despertar?

É o grito dos Cruzados
Que brada aos moços «de pé!»
É o sol das liberdades
Que espera por Josué.
São bôcas de mil escravos
Que transformaram-se em bravos
Ao cinzel da *abolição*.
É — a voz dos libertadores —
Répteis, que saltam condores,
A topetar n'amplidão!...

E vós, arcas do futuro,
Crisálidas do porvir,
Quando vosso braço ousado
Legislações construir,
Levantai um templo novo,
Porêm não que esmague o povo,
Mas lhe seja o pedestal.
Que ao menino dê-se a escola,
Ao veterano — uma esmola...
A todos — luz e fanal.

Digitized by Google

Luz! sim: que a criança é uma ave,
Cujo porvir tendes vós;
No sol é uma águia arrojada,
Na sombra — um mocho feroz.
Libertai tribunas, prelos...
São fracos, mesquinhos elos...
¡Não calqueis o povo-rei!
Que êste mar d'almas e peitos,
Com as vagas de seus direitos,
Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o scetro do Papa,
Faça-se dêle uma cruz,
A púrpura sirva ao povo
P'ra cobrir os ombros nus.
Ao grito do Niagara
Sem escravos, Guanabara
Se eleve ao fulgor dos sóis.
Banhem-se em luz os prostíbulos,
¡E das lascas dos patíbulos
Erga-se estátua aos heróis!

Basta! Eu sei que a mocidade
E o Moisés no Sinai;
Das mãos do Eterno recebe
As tábuas da lei! marchai!
Quem cai na luta com glória,
Tomba nos braços da história,
No coração do Brasil!
Moças do tôpo dos Andes,
Pirâmides vastas, grandes,
Vos contemplam séculos mil!

Pernambuco, Agôsto de 1865. *(Os Escravos.)*

Digitized by Google

A VISÃO DOS MORTOS

> On rapporte encore qu'un'berger ayant été introduit une fois par un nain dans le Hyffhouse, l'empereur (Barberousse) se leva et lui demanda si les corbeaux volaient encore autour de la montagne. Et, sur la réponse affirmative du berger, il s'écria: «Il faut donc que je dors encore pendant cent ans!»
>
> H. Heine *(Allemagne.)*

Nas horas tristes que em neblinas densas
A terra envôlta num sudário dorme,
E o vento geme na amplidão celeste
— Cúpula imensa dum sepulcro enorme, —
Um grito passa despertando os ares,
Levanta as lousas invisível mão.
Os mortos saltam, poeirentos, lívidos,
Da lua pálida ao fatal clarão.

Do solo adusto do africano Sáara
Surge um fantasma com soberbo passo,
Presos os braços, laureada a fronte,
Louco poeta, como fôra o Tasso.
Do Sul, do Norte... do Oriente irrompem
Dórias, Siqueiras e Machado então.
Vem Pedro Ivo no cavalo negro
Da lua pálida ao fatal clarão.

Digitized by Google

O Tiradentes sôbre o poste erguido
Lá se destaca das cerúleas telas,
Pelos cabelos a cabeça erguendo,
Que rola sangue, que espadana estrêlas.
E o grande Andrada, êsse arquitecto ousado,
Que amassa um povo na robusta mão.
O vento agita do tribuno a toga
Da lua pálida ao fatal clarão.

A estátua range... estremecendo move-se
O rei de bronze na deserta praça.
O povo grita: Independência ou morte!
Vendo soberbo o Imperador, que passa.
Duas coroas seu cavalo pisa,
Mas duas cartas êle traz na mão.
Por guarda de honra tem dois povos livres,
Da lua pálida ao fatal clarão.

Então, no meio de um silêncio lúgubre,
Solta êste grito a legião da morte:
«¿ Aonde a terra que talhámos livre,
Aonde o povo que fizemos forte?
Nossas mortalhas o presente inunda
No sangue escravo, que nodoa o chão.
Anchietas, Gracos, vós dormis na orgia,
Da lua pálida ao fatal clarão.

«Brutus renega a tribunicia tóga,
O apóst'lo cospe no Evangelho Santo,
E o Cristo-Povo, no Calvário erguido,
Fita o futuro com sombrio espanto.

Digitized by Google

¿ Nos ninhos d'águias que nos restam ? — Corvos.
Que vendo a pátria se estorcer no chão,
Passam, repassam, como alados crimes,
Da lua pálida ao fatal clarão.

«Oh ! é preciso inda esperar cem anos...
Cem anos !...» brada a legião da morte,
E longe, aos ecos nas quebradas trémulos,
Sacode o grito soluçando, — o norte.
Sôbre os corséis dos nevoeiros brancos
Pelo infinito a galopar lá vão...
Erguem-se as névoas como pó do espaço
Da lua pálida ao fatal clarão.

Recife, 8 de Dezembro de 1865.

(Os Escravos.)

Digitized by Google

HEBREIA

Flos campi et lilium convalium.

Cânt. dos Cânticos.

¡ Pomba d'esp'rança sôbre um mar d'escolhos!
¡ Lírio do vale oriental, brilhante!
¡ Estrêla vésper do pastor errante!
¡ Ramo de murta a rescender cheirosa!...

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, sedutora Hebreia...
Pálida rosa da infeliz Judeia
¡ Sem ter o orvalho, que do céu deriva!

Porque descoras, quando a tarde esquiva
Mira-se triste sôbre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?

¿ Sonhas acaso, quando o sol declina,
A terra santa do oriente imenso?
¿ E as caravanas no deserto extenso?
¿¡ E os pegureiros da palmeira à sombra?!...

Digitized by Google

Sim, fôra belo na relvosa alfombra,
Junto da fonte, onde Raquel gemera,
Viver contigo qual Jacob vivera
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas águas de cheiroso banho
— Como Suzana a estremecer de frio —
Fitar-te, ó flor do Babilónio rio;
Fitar-te a mêdo no salgueiro oculto...

Vem pois!... Contigo no deserto inculto
Fugindo às iras de Saúl embora,
Se Michol fôsses, teu David eu fôra,
Vibrando na harpa do profeta o canto...

Não vês?... Do seio me goteja o pranto
¡Qual da torrente do Cedron deserto!...
Como lutara o patriarca incerto
Lutei, meu anjo, mas caí vencido.

Eu sou o Lotus para o chão pendido,
¡Vem ser o orvalho oriental, brilhante!
Ai! guia o passo ao viajor perdido,
¡Estrêla vésper do pastor errante!...

Baía, 1866.

(Espumas Fluctuantes.)

Digitized by Google

OS TRÊS AMORES

I

Minh'alma é como a fronte sonhadora
Do louco bardo, que Ferrara chora...
Sou Tasso!... a primavera de teus risos
De minha vida as solidões enflora...
Longe de ti eu bebo os teus perfumes,
Sigo na terra de teu passo os lumes...
—Tu és Eleonora...

II

Meu coração desmaia pensativo,
Scismando em tua rosa predilecta.
Sou teu pálido amante vaporoso,
¡Sou teu Romeu... teu lânguido poeta!...
Sonho-te às vezes virgem... seminua...
Roubo-te um casto beijo à luz da lua...
—E tu és Julieta...

Digitized by Google

III

Na volúpia das noites andaluzas
O sangue ardente em minhas veias rola...
Sou D. Juan!... Donzelas amorosas,
¡Vós conheceis-me os trenos na viola!
Sôbre o leito do amor teu seio brilha...
Eu morro, se desfaço-te a mantilha...
¡Tu és — Júlia a Espanhola!...

Recife, Setembro de 1866.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

SUB TEGMINE FAGI

A Melo Morais

Dieu parle dans le calme plus haut
que dans la tempête.

MICHIEWICZ.

Deus nobis hæc otia fecit.

VIRGILIO.

Amigo! O campo é o ninho do poeta...
Deus fala, quando a turba está quieta,
Às campinas em flor.
— Noivo — Êle espera que os convivas sáiam...
E n'alcova onde as lâmpadas desmaiam
Então murmura — amor —

Vem comigo scismar risonho e grave...
A poesia — é uma luz... e a alma — uma ave..
Querem — trevas e ar.
A andorinha, que é a alma — pede o campo
A poesia quer sombra — é o pirilampo...
P'ra voar... p'ra brilhar.

Digitized by Google

Meu Deus! Quanta beleza nessas trilhas..
Que perfume nas doces maravilhas,
Onde o vento gemeu!...
¡Que flores d'ouro pelas veigas belas!
... Foi um anjo co'a mão cheia de estrêlas
Que na terra as perdeu.

Aqui o éter puro se adelgaça...
Não sobe esta blasfêmia de fumaça
Das cidades p'ra o céu.
E a Terra é como o insecto friorento
Dentro da flor azul do firmamento,
Cujo cálix pendeu!...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas
Leva a concha dourada... e traz das plagas
Corais em turbilhão,
A mente leva a prece a Deus — por pérolas
E traz, volvendo após das praias cérulas,
— Um brilhante — o perdão!

A alma fica melhor no descampado...
O pensamento indómito, arrojado
Galopa no sertão,
Qual nos estepes o corsel fogoso
Relincha e parte turbulento, estoso,
Sôlta a crina ao tufão.

Vem! Nós iremos na floresta densa,
Onde na arcada gótica e suspensa
Reza o vento feral.
Enorme sombra cai de enorme rama...
É o *Pagode* fantástico de Brama
Ou velha catedral.

Digitized by Google

Irei contigo pelos êrmos — lento —
Scismando, ao pôr do sol, num pensamento
Do nosso velho Hugo.
— Mestre do mundo! Sol da eternidade!...
Para ter por planeta a humanidade,
Deus num *cêrro o fixou.*

Ao longe, na quebrada da colina,
Enlaça a trepadeira purpurina
O negro mangueiral...
Como no *Dante* a pálida *Francesca,*
Mostra o sorriso rubro e a face fresca
Na estrofe sepulcral.

O povo das formosas amarílis
Embala-se nas balsas, como as Willis
Que o *Norte* imaginou.
O antro — fala... o ninho s'estremece...
A dríade entre as fôlhas aparece...
Pan na flauta soprou!...

Mundo estranho e bizarro da quimera,
A fantasia desvairada gera
Um paganismo aqui.
Melhor eu compreendo então Vergílio...
E vendo os faunos lhe dançar no idílio,
Murmuro crente: — eu vi! —

Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gótica o antiste,
Que procura o Senhor,
Como bebem as aves peregrinas
Nas ânforas de orvalho das boninas,
¡Eu bebo crença e amor!...

Digitized by Google

E à tarde, quando o sol — condor sangrento —,
No ocidente se aninha sonolento,
Como a abelha na flor...
E a luz da estrêla trémula se irmana
Co'a fogueira nocturna da cabana,
Que acendera o pastor,

A luz — traz um raio para os mares...
A abelha — traz o mel... um treno aos lares
Traz a rôla a carpir...
Tambêm deixa o poeta a selva escura
E traz alguma estrofe, que fulgura,
P'ra legar ao porvir!...

Vem! Do mundo leremos o problema
Nas fôlhas da floresta, ou do poema,
Nas trevas ou na luz...
Não vês?... Do céu a cúpula azulada,
Como uma taça sôbre nós voltada,
¡Lança a poesia a flux!...

Boa-Vista, 1867.

Digitized by Google

O LIVRO E A AMÉRICA

Ao Grémio Literário

Talhado para as grandezas,
P'ra crescer, criar, subir,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porvir.
— Estatuário de colossos —
Cansado d'outros esboços
Disse um dia Jeová:
«Vai, Colombo, abre a cortina
«Da minha eterna oficina...
«Tira a América de lá.»

Molhado inda do dilúvio,
Qual Tritão descomunal,
O continente desperta
No concêrto universal.
Dos oceanos em tropa
Um — traz-lhe as artes da Europa,
Outro — as bagas de Ceilão...
E os Andes petrificados,
Como braços levantados,
Lhe apontam para a amplidão.

Digitized by Google

Olhando em tôrno então brada:
«Tudo marcha!... Ó grande Deus!
«As cataratas — p'ra terra,
«As estrêlas — para os céus
«Lá, do pólo sôbre as plagas,
«O seu rebanho de vagas
«Vai o mar apascentar...
«Eu quero marchar com os ventos,
«Com os mundos... co'os firmamentos!!!»
E Deus responde: «Marchar!»

«Marchar!... Mas como?... ¿Da Grécia
Nos dóricos Partenons
A mil deuses levantando
Mil marmóreos Panteons?...
Marchar co'a espada de Roma
— Leoa de ruiva côma
De prêsa enorme no chão,
Saciando o ódio profundo...
— Com as garras nas mãos do mundo,
— ¿Com os dentes no coração?...

«Marchar!... Mas como a Alemanha
Na tirania feudal,
¿Levantando uma montanha
Em cada uma catedral?...
Não!... Nem templos feitos de ossos,
Nem gládios a cavar fossos
São degraus do progredir...
Lá brada César morrendo:
«No pugilato tremendo
«¡Quem sempre vence é o porvir!»

Digitized by Google

¡ Filhos do séc'lo das luzes!
Filhos da *Grande Nação!*
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão:
O livro — êsse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Eolo de pensamentos,
Que abrira a gruta dos ventos
Donde a Igualdade voou!...

Por uma fatalidade
Dessas que descem de alêm,
O séc'lo, que viu Colombo,
Viu Guttenberg tambêm.
Quando no tôsco estaleiro
Da Alemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovês salta os mares...
Busca um ninho entre os palmares
E a *pátria da imprensa* achou...

Por isso na impaciência
Desta sêde de saber,
Como as aves do deserto —
As almas buscam beber...
Oh! Bemdito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
¡ E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É gérmen — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.

Digitized by Google

Vós, que o templo das ideas
Largo — abris às multidões,
P'ra o baptismo luminoso
Das grandes revoluções,
Agora que o trem-de-ferro
Acorda o tigre no cêrro
E espanta os caboc'los nus,
Fazei dêsse «rei dos ventos»
— Ginete dos pensamentos,
— Arauto da grande luz!...

Bravo! ¡a quem salva o futuro
Fecundando a multidão!...
Num poema amortalhada
Nunca morre uma nação.
Como Goëthe moribundo
Brada «Luz!» o Novo Mundo
Num brado de Briareu...
Luz! pois, no vale e na serra...
Que, se a luz rola na terra,
¡Deus colhe génios no céu!...

Baia, 1867.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

QUEM DÁ AOS POBRES, EMPRESTA A DEUS (1)

Eu, que a pobreza de meus pobres cantos
Dei aos heróis — aos miseráveis grandes —,
Eu, que sou cego, — mas só peço luzes...
Que sou pequeno, — mas só fito os Andes...
Canto nest'hora, como o bardo antigo
Das priscas eras, que bem longe vão,
O grande NADA dos heróis, que dormem
Do vasto pampa no funéreo chão...

¡ Duas grandezas neste instante cruzam-se !
¡ Duas realezas hoje aqui se abraçam !...
Uma — é um livro laureado em luzes...
Outra — uma espada, onde os lauréis se enlaçam.
Nem cora o livro de ombrear co'o sabre...
Nem cora o sabre de chamá-lo irmão..
Quando em loureiros se biparte o gládio
Do vasto pampa no funéreo chão.

E foram grandes teus heróis, ó pátria,
— Mulher fecunda, que não cria escravos —,
Que ao trom da guerra soluçaste aos filhos:
« ¡ Parti — soldados, mas voltai-me — bravos! »

(1) Ao Gabinete Português de Leitura, por ocasião de oferecer o produto de um benefício às famílias dos soldados mortos na guerra do Paraguai.

Digitized by Google

E qual Moema desgrenhada, altiva,
Eis tua prole, que se arroja então,
De um mar de glórias apartando as vagas
Do vasto pampa no funéreo chão.

E êsses Leandros do Helesponto novo
Se resvalaram — foi no chão da história...
Se tropeçaram — foi na eternidade...
Se naufragaram — foi no mar da glória...
¿E hoje o que resta dos heróis gigantes?...
Aqui — os filhos que vos pedem pão...
Além — a ossada, que branqueia a lua,
Do vasto pampa no funéreo chão.

Ai! quantas vezes a criança loura
Seu pai procura pequenina e nua,
E vai, brincando co'o vetusto sabre,
Sentar-se à espera no portal da rua...
Mísera mãe, sôbre teu peito aquece
¡Esta avesinha, que não tem mais pão!...
Seu pai descansa — fulminado cedro —
Do vasto pampa no funéreo chão.

Mas, já que as águias lá no sul tombaram
E os filhos d'águias o Poder esquece...
¡É grande, é nobre, é gigantesco, é santo!...
¡Lançai — a esmola, e colhereis — a prece!...
Oh! dai a esmola... que, do infante lindo
Por entre os dedos da pequena mão,
Ela transborda... e vai cair nas tumbas
Do vasto pampa no funéreo chão.

Digitized by Google

Há duas cousas neste mundo santas;
— O rir do infante, — o descansar do morto...
O berço — é a barca, que encalhou na vida,
A cova — é a barca do sidéreo pôrto...
¡E vós dissestes para o berço — Avante! —
Emquanto os nautas, que ao Eterno vão,
Os ossos deixam, qual na praia as âncoras,
Do vasto pampa no funéreo chão.

É santo o laço, em qu'hoje aqui s'estreitam
¡De heróicos troncos — os rebentos novos —
É que são gémeos dos heróis os filhos
¡Inda que filhos de diversos povos!
Sim! me parece que nest'hora augusta
Os mortos saltam da feral mansão...
E um «bravo!» altivo de além-mar partindo
¡Rola do pampa no funéreo chão!...

S. Salvador, 31 de Outubro de 1867.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

O NAVIO NEGREIRO

I

'Stamos em pleno mar... Doido no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após êle correm... cansam
Como turbas de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do liquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano
Azúis, dourados, plácidos, sublimes...
¿Qual dos dois é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Digitized by Google

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
¿Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Sáara os corséis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
¡Sentir dêste painel a majestade!...
Em baixo — o mar... em cima — o firmamento...
¡E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! ¡que doce harmonia traz-me a brisa!
¡Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
¡Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros,
¡Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
¡No berço dêstes pélagos profundos!

Esperai!... esperai!... deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

.....

¿Porque foges assim, barco ligeiro?
¿Porque foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar a esteira
¡Que semelha no mar — doido cometa!

Digitized by Google

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviatan do espaço.
Albatroz! Albatroz! dá-me estas ásas.

II

Que importa do nauta o berço,
¿Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
¡Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! ¡que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Prêsa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
Às vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do gôlfo no regaço
Relembra os versos de Tasso
Junto às lavas do vulcão!

Digitized by Google

O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando orgulhoso histórias
De Nelson e de Aboukir...
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
¡E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga iónia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens, que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
... Nautas de tôdas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!...

III

¡Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... inda mais... ¡não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que scena infame e vil... Meu Deus! meu Deus! Que horror!

Digitized by Google

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às têtas
Magras crianças, cujas bôcas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
¡Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irónica e stridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doidas spirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala..
E voam mais e mais...

Prêsa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
¡E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

Digitized by Google

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu, que se desdobra
Tão puro sôbre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
«¡Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...»

E ri-se a orquestra irônica, stridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doidas spirais...
¡Qual num sonho dantesco as sombras voam!...
¡Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
¿¡Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
¿Ó mar, porque não apagas
Co'a sponja de tuas vagas
De teu manto êste borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

¿Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?

Digitized by Google

Quem são? Se a estrêla se cala,
Se a vaga opressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz! ...

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tríbu dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vem
Trazendo com tíbios passos
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Tem que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram — crianças lindas,
Viveram — moças gentis...

Digitized by Google

Passa um dia a *caravana*
Quando a virgem na cabana
Scisma da noite nos véus...
... Adeus, ó choça do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sêde...
Ai! quanto infeliz que cede,
¡E cahe p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na *cadeia*,
Mas o chacal sôbre a areia
Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormindo à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o *porão* negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...

Digitized by Google

Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas rôscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
¿¡Tanto horror perante os céus?!...
¿Ó mar, porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto êste borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

IV

¡E existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia cobardia!...
¡E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
¿Que imprudente na gávea tripudia?
Silêncio, Musa... chora, e chora tanto
¡Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Digitized by Google

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que à luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança...
Tu que da liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem rôto na batalha,
¡Que servires a um povo de mortalha! ...

¡Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas
¡Como um íris no pélago profundo!
¡Mas é infâmia de mais!... ¡Da etérea plaga
Levantai-vos heróis do Novo Mundo!
Andrada! ¡arranca êsse pendão dos ares!
Colombo! ¡fecha a porta dos teus mares!

S. Paulo, 18 de Abril de 1868.

(Os Escravos.)

Digitized by Google

VOZES D'ÁFRICA

Deus! ó Deus! ¡ onde estás que não respondes!
¿Em que mundo, em qu'estrêla tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinito galé!...
! Por abutre — me deste o sol ardente!
E a terra de Suez — foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba ressupino,
E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do *simoun* dardeja
O teu braço eternal.

Digitized by Google

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
Dos *harens* do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elefantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Indostão.

Por tenda — tem os cimos do Himalaia...
O Ganges amoroso beija a praia
Coberta de corais...
A brisa de Misora o céu inflama;
E ela dorme nos templos do deus Brama,
Pagodes colossais...

Europa — ¡ é sempre Europa, a gloriosa !...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortesã.
Artista — corta o mármor de Carrara;
Poetisa — tange os hinos de Ferrara,
No glorioso afan !...

Sempre a láurea lhe cabe no litigio...
Ora uma c'roa, ora o *barrete frígio*
Enflora-lhe a cerviz
O Universo após ela — doido amante
Segue cativo o passo delirante
Da grande meretriz.

Digitized by Google

Mas eu, Senhor!... Eu triste, abandonada
Em meio dos desertos esgarrada,
Perdida marcho em vão!
¡ Se choro... bebe o pranto a areia ardente!
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão!...

E nem tenho uma sombra na floresta...
Para cobrir-me, nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo às pirâmides do Egito,
Embalde aos quatro céus chorando grito:
«Abriga me, Senhor!...»

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal, que volve
O siroco feroz...
Quando eu passo no Sáara amortalhada...
Ai! dizem: «Lá vai África embuçada
No seu branco albornoz...»

Nem vêem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
Por sôbre o peito meu.
Lá no solo, onde o cardo apenas medra,
Boceja a Sfinge colossal de pedra,
Fitando o morno céu.

Digitized by Google

De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim...
Onde branqueja a caravana errante
E o camelo monótono, arquejante,
Que desce de Efraim...

.....

¿¡ Não basta inda de dor, ó Deus terrivel ?!...
¿É pois teu peito eterno, inexaurivel
De vingança e rancor ?
¿E o que é que fiz, Senhor ? ¿¡ que torvo crime
Eu cometi jamais, que assim me oprime
Teu gládio vingador ?!

.....

Foi depois do *dilúvio*... Um viandante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
Descia do Ararat...
E eu disse ao peregrino fulminado :
«Cham !... serás meu espôso bem amado...
Serei tua Eloá...»

Desde êste dia o vento da desgraça
Por meus cabelos, ululando, passa
O anatema cruel.
As tribus erram do areal nas vagas,
E o *Nómada* faminto corta as plagas
No rápido corsel.

Digitized by Google

Vi a sciência desertar do Egito...
Vi meu povo seguir — Judeu maldito —
Filho da perdição.
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa arrebatada,
— Amestrado falcão.

Cristo! embalde morreste sôbre um monte...
Teu sangue não lavou da minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimária do universo
Eu — pasto universal.

Hoje em meu sangue a América se nutre:
— Condor, que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão.
¡Ela juntou-se às mais... irmã traidora!
¡Qual de José os vis irmãos, out'rora,
Venderam seu irmão!

.....

Basta, Senhor! ¡De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!...

S. Paulo, 11 de Junho de 1868.

(Os Escravos.)

Digitized by Google

ESTROFES DO SOLITÁRIO

Basta de cobardia! A hora soa...
Voz ignota e fatídica ressoa,
Que vem... D'onde? De Deus.
A nova geração rompe da terra
E, qual Minerva armada para a guerra,
Pega a espada... olha os céus.

Sim, de longe, das raias do futuro,
Parte um grito, p'ra os homens — surdo, obscuro,
¡Mas para os moços, não!
É que em meio das lutas da cidade,
Não ouvem o clarim da Eternidade,
Que troa na amplidão!

Quando as praias se ocultam na neblina,
E como a garça, abrindo a àsa latina,
Corre a barca no mar,
Se então sem freios se despenha o norte,
É impossivel — parar... volver — é morte...
Só lhes resta marchar.

Digitized by Google

E o povo é como a barca em plenas vagas,
A tirania é o tremedal das plagas,
O porvir — a amplidão.
Homens! Esta lufada que rebenta
É o furor da mais lôbrega tormenta...
— Ruge a revolução.

E vós cruzais os braços... Cobardia!
E murmurais com fera hipocrisia:
— E' preciso esperar...
Esperar? Mas o quê? Que a populaça,
Êsse vento que troncos despedaça,
Venha abismos cavar?

Ou quereis, como o satrapa arrogante,
Que o porvir, n'ante-sala, espere o instante
¿! Em que o deixeis subir?!
Oh! parai a avalanche, o sol, os ventos,
O oceano, o condor, os elementos...
Porêm nunca o porvir!

Meu Deus! Da negra lenda que se escreve
Com o sangue de um Luís, no chão da Greve,
¡ Não resta mais um som!...
Em vão nos deste, p'ra maior lembrança,
Do mundo — a Europa, mas da Europa — a França,
¡ Mas da França — um Bourbon!

Digitized by Google

Desvario das frontes coroadas!
¡ Nas páginas das pûrpuras rasgadas
Ninguêm mais estudou!
E no sulco do tempo, embalde dorme
¡ À cabeça dos reis — semente enorme
Que a multidão plantou!...

No emtanto, fôra belo nesta idade
Desfraldar o estandarte da Igualdade,
De Byron ser irmão...
E pródigo a esta Grécia brasileira,
Legar no testamento — uma bandeira,
¡ E ao mundo — uma nação!

Soltar ao vento inspiração do Graco,
Envolver-se no manto de Spartaco,
Dos servos entre a grei;
Lincoln — o Lázaro acordar de novo,
E da tumba da infâmia erguer um povo,
¡ Fazer de um verme — um rei!

Depois morrer... que a vida está completa;
— Rei ou tribuno, César ou poeta,
Que mais quereis depois?
Basta escutar, do fundo lá da cova,
¡ Dançar em vossa lousa a raça nova
Libertada por vós!...

S. Paulo, 1868.

(Os Escravos.)

Digitized by Google

CANÇÃO DO BOÉMIO

RECITATIVO DA «MEIA HORA DE CINISMO», DE FRANÇA JÚNIOR

Comédia de costumes académicos.

Música de Emílio do Lago

Que noite fria! Na deserta rua
Tremem de mêdo os lampiões sombrios.
Densa *garôa* faz fumar a lua.
Ladram de tédio vinte cães vadios.

Nini formosa! porque assim fugiste?
Em balde o tempo à tua espera conto.
Não vês, não vês?... Meu coração é triste
Como um calouro quando leva *ponto*.

A passos largos eu percorro a sala
Fumo um cigarro, que filei na *escola*...
Tudo no quarto de Nini me fala
Em balde fumo... tudo aqui me *amola*.

Digitized by Google

Diz-me o relógio *cinicando* a um canto:
«¿Onde está ela que não veio ainda?»
Diz-me a poltrona: «porque tardas tanto?
Quero esquecer-te, rapariga linda.»

Em vão a luz da crepitante vela
De Hugo clareia uma canção ardente;
Tens um idílio — em tua fronte bela...
Um ditirambo — no teu seio quente...

Pego o compêndio... inspiração sublime
P'ra adormecer... inquietações tamanhas...
¡ *Violei à noite o domicílio*, ó crime!
Onde dormia uma nação... de aranhas...

Morrer de frio quando o peito é brasa...
¡¿Quando a paixão no coração se aninha!?...
Vós todos, todos, que dormis em casa,
¡ *Dizei se há dor, que se compare à minha!*...

Nini! o horror dêste sofrer pungente
Só teu sorriso neste mundo acalma...
Vem aquecer-me em teu olhar ardente...
Nini! tu és o *cache-nez* d'est'alma.

Deus do Boémio!... São da mesma raça
As andorinhas e o meu anjo louro...
Fogem de mim se a *primavera* passa
Se já nos campos não há flores de *ouro*...

Digitized by Google

E tu fugiste, pressentindo o inverno,
Mensal inverno do viver boémio...
Sem te lembrar que por um riso terno
Mesmo eu tomara a *primavera a prémio*...

No emtanto ainda do Xerez fogoso
Duas garrafas guardo ali... *Que minas!*
Além de um lado o violão saudoso
Guarda no seio inspirações divinas...

Se tu viesses... de meus lábios tristes
Rompera o canto... Que esperança inglória!...
Ela esqueceu o que jurar-lhe vistes
¡ Ó Paulicéa, ó Ponte-Grande, ó Glória!...

Batem! Que vejo! Ei-la afinal comigo...
Foram-se as trevas... fabricou-se a luz...
Nini! pequei... dá-me exemplar castigo!
¡ Sejam teus braços... do martírio a cruz!...

S. Paulo, Junho de 1868.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

HINO AO SONO

O sono! ó noivo pálido
Das noites perfumosas,
¡Que um chão de *nebulosas*
Trilhas pela amplidão!
Em vez de verdes pâmpanos,
Na branca fronte enrolas
As lânguidas papoulas,
Que agita a viração.

Nas horas solitárias,
Em que vagueia a lua,
E lava a planta nua
Na onda azul do mar,
Com um dedo sôbre os lábios
No vôo silencioso,
¡Vejo-te cauteloso
No espaço viajar!

Digitized by Google

¡Deus do infeliz, do misero!
Consolação do aflito!
Descanso do precito,
¡Que sonha a vida em ti!
Quando a cidade tétrica
De angústias e dor não geme...
É tua mão que espreme
A dormideira ali.

Em tua branca túnica
Envolves meio mundo...
É teu seio fecundo.
De sonhos e visões,
Dos tempos aos prostíbulos,
Desde o tugúrio ao Paço,
¡Tu lanças lá no espaço
Punhados de ilusões!...

Da vide o sumo rúbido,
Do *hatchiz* a essência,
O ópio, que a indolência
Derrama em nosso ser,
Não valem, génio mágico,
Teu seio, onde repousa
A placidez da lousa
E o gozo do viver...

Digitized by Google

O sono! Unge-me as pálpebras....
Entorna o esquecimento
Na luz do pensamento,
Que abrasa o crânio meu,
Como o pastor da Arcádia,
Que uma ave errante aninha...
Minh'alma é uma andorinha...
Abre-lhe o seio teu.

Tu, que fechaste as pétalas
Do lírio, que pendia,
Chorando a luz do dia
E os raios do arrebol,
Também fecha-me as pálpebras...
¿Sem *Ela* o que é a vida?...
Eu sou a flor pendida
Que espera a luz do sol.

O leite das eufórbias
P'ra mim não é veneno...
Ouve-me, ó Deus sereno!
Ó Deus consolador!
¡Com teu divino bálsamo
Cala-me a ansiedade!
Mata-me esta saudade,
Apaga-me esta dor.

Digitized by Google

Mas quando, ao brilho rútilo
Do dia deslumbrante,
Vires a minha amante
Que volve para mim,
Então ergue-me súbito...
É minha aurora linda...
Meu anjo... mais ainda...
E minha amante emfim!

O sonho! Ó Deus noctivago!
Doce influência amiga!
Génio que a Grécia antiga
Chamava de Morfeu.
Ouve!... E se minhas súplicas
Em breve realizares...
Voto nos teus altares
Minha lira de Orfeu!...

S. Paulo, 12 de Julho de 1868.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

O LAÇO DE FITA

Não sabes, criança? 'Stou louco de amores...
Prendi meus afectos, formosa Pepita.
Mas onde? ¿¡No templo, no espaço, nas névoas?!
Não rias, prendi-me
Num laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabelos de moça bonita,
Fingindo serpente qu'enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se
O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
Qual pássaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente cativo, submisso
Rolar prisioneiro
Num laço de fita.

E agora enleada na ténue cadeia
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus elos,
Ó laço de fita!

Digitized by Google

Meu Deus! As falenas têm àsas de ópala,
Os astros se libram na plaga infinita.
Os anjos repousam nas penas brilhantes...
Mas tu... tens por àsas
Um laço de fita.

A pouco voavas na célere valsa
Na valsa que anseia, que estua e palpita.
Porque é que tremeste? Não eram meus lábios...
Beijava-te apenas...
Teu laço de fita.

Mas ai! findo o baile, despindo os adornos
N'alcova onde vela cIosa... crepita,
Talvez da cadeia libertes as tranças
Mas eu... fico prêso
No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia na sombra do vale
Abrirem-me a cova..., formosa Pepita!
Ao menos arranca meus louros da fronte,
E dá-me por c'roa...
Teu laço de fita.

S. Paulo, Julho de 1868.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

BOA-NOITE

Veux-tu donc partir? Le jour est encore éloigné;
C'était le rossignol et non pas l'alouette,
Dont le chant a frappé ton oreille inquiète,
Il chante la nuit sur les branches de ce grenadier,
Crois-moi, cher ami, c'était le rossignol.

SHAKESPEARE.

Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa-noite, Maria! E tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa-noite!... E tu dizes — Boa-noite.
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não m'o digas descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu! Ouve... a *calhandra*
Já rumoreja o canto da matina.
¿Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
... ¡Quem cantou foi teu áliţo, divina!

Digitized by Google

Se a estrêla d'alva os derradeiros raios
Derrama *nos jardins do Capuleto,*
Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
«É noite ainda em teu cabelo prêto...»

É noite ainda! Brilha na cambraia
— Desmanchado o roupão, a espádua nua —
O globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as névoas se balouça a lua...

É noite, pois! Durmamos, Julieta!
Rescende a alcova ao trescalar das flores.
Fechemos sôbre nós estas cortinas...
— São as àsas do arcanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doido afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lira ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
¡Que escalas de suspiros, bebo atento!

Ai! Canta a cavatina do delírio
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
Marion! Marion!... É noite ainda.
¿¡Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Digitized by Google

Como um negro e sombrio firmamento,
Sôbre mim desenrola teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando:
— Boa-noite! —, formosa Consuelo!...

S. Paulo, 27 de Agôsto de 1868.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

O ADEUS DE TERESA

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amámos juntos... E depois na sala
«Adeus» eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela, còrando, murmurou-me: «adeus.»

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saia um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem vêus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
«Adeus» lhe disse conservando-a prêsa...

E ela entre beijos murmurou-me: »adeus.»

Passaram tempos... séc'los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empírio...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse — «Voltarei!... descansa!...»
Ela, chorando mais que uma criança.

Ela em soluços murmurou-me: «adeus.»

Digitized by Google

Quando voltei... ¡era o palácio em festa!...
E a voz d'*Ela* e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... ¡Ela me olhou branca... surprêsa!
¡Foi a última vez que eu vi Teresa!...

E ela arquejando murmurou-me: «adeus!»

S. Paulo, 28 de Agôsto de 1868.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

AHASVERUS E O GÉNIO

AO POETA E AMIGO J. FELIZARDO JÚNIOR

Sabes quem foi Ahasverus?... — o precito,
O misero Judeu, ¡que tinha escrito
Na fronte o sêlo atroz!
Eterno viajor de eterna senda...
Espantado a fugir de tenda em tenda
¡Fugindo em balde á *vingadora voz!*

Misérrimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande... o forasteiro
Não teve onde... pousar.
Co'a mão vazia — viu a terra cheia.
O deserto negou-lhe — o grão de areia,
A gota d'água — rejeitou-lhe o mar.

D'Ásia as florestas — lhe negaram sombra
A savana sem fim — negou-lhe alfombra,
¡O chão negou-lhe o pó!...
Tabas, serralhos, tendas e solares...
Ninguêm lhe abriu a porta de seus lares
E o triste seguiu só.

Digitized by Google

Viu povos de mil climas, viu mil raças,
E não pôde entre tantas populaças
Beijar uma só mão...
Desde a virgem do norte à de Sevilhas
Desde a inglesa à crioula das Antilhas
Não teve um coração!...

E caminhou!... E as tribus se afastavam
E as mulheres tremendo murmuravam
Com respeito e pavor.
Ai! Fazia tremer do vale à serra...
Êle que só pedia sôbre a terra
—Silêncio, paz e amor!—

No emtanto, à noite, se o Hebreu passava,
Um murmúrio de inveja se elevava,
Desde a flor da campina ao colibri.
«Êle não morre» a multidão dizia...
E o preciío consigo respondia:
—«Ai! mas nunca vivi!»—

O Génio é como Ahasverus... solitário
A marchar, a marchar no itinerário
Sem têrmo do existir.
Invejado! a invejar os invejosos.
Vendo a sombra dos álamos frondosos...
E sempre a caminhar... sempre a seguir...

Digitized by Google

Pede ūa mão de amigo — dão-lhe palmas:
Pede um beijo de amor — e as outras almas
Fogem pasmas de si.
E o mísero de glória em glória corre. . . .
Mas quando a terra diz: — «Êle não morre»
Responde o desgraçado: «Eu não vivi!...»

S. Paulo, Outubro de 1868.

(Espumas Fluctuantes.)

Digitized by Google

AO ACTOR JOAQUIM AUGUSTO

Um dia Pigmalião — o estatuário
Da oficina no tôsco santuário
Pôs-se a pedra a talhar...
Surgem contornos lânguidos, amenos...
E dos *flocos de mármore* outra Vênus
Surge d'est'*outro mar*.

De orgulho o mestre ri... A estátua é bela!
Da Grécia as filhas por inveja dela
Vão nas grutas gemer...
Mas o artista soluça: «Ó Grande Jove!
«¡Ela é bela... bem sei — mas não se move!
«¡É a sombra — e não mulher!»

Então do excelso Olimpo o deus — tonante
Manda que desça um raio fulgurante
À tenda do escultor.
Vive a estátua! Nos olhos — treme o pejo,
Vive a estátua!... Na bôca — treme um beijo,
Nos seios — treme amor.

Digitized by Google

O poeta é — o moderno estatuário
Que na vigília cria solitário
Visões de seio nu!
¡O mármore da Grécia — é o novo drama!
¿Mas o raio vital quem lá derrama?...
É Júpiter!... És tu!...

Como Gluck nas selvas aprendia
Ao som do violoncelo a melodia
Da santa inspiração,
Assim bebes atento a voz obscura
Do vento das paixões na selva escura
Chamada — multidão.

Gargalhadas, suspiros, beijos, gritos,
Cantos de amor, blasfêmias de precitos,
Chôro ou reza infantil,
Tu colhes... e voltas co'as mãos cheias,
— O crânio largo a transbordar de ideias
E de criações mil.

Então começa a luta, a luta enorme,
Desta matéria tôsca, áspera, informe,
Que na praça apanhou.
Teu génio vai forjar novo tesouro...
O *cobre escuro* vai mudar-se *em ouro*,
Como Fausto o sonhou!

Digitized by Google

Glória ao Mestre! Passando por seus dedos
Dói mais a dor... os risos são mais ledos...
O amor é mais do céu...
¡Rebenta o *ouro* desta fronte acesa!
¡O artista corrigiu a natureza!
O alquimista venceu!

Então surges, Actor! e do proscénio
Atiras as moedas do teu génio
Às pasmas multidões.
Pródigo enorme! a tua enorme esmola
Cunhada pela efigie tua rola
Nos nossos corações.

Por isso agora, no teu almo dia,
Vieram dando as mãos a Poesia
E o povo, bem o vês;
Como nos tempos dessa Roma antiga
Aos pés dêsse outro Augusto a plebe amiga
Atirava lauréis...

Augusto! E o nome não se desmente...
O diadema rial na vasta frente
Cinges... eu bem o sei!
Mandas no povo dêste novo Lácio...
E os poetas repetem como Horácio:
«Salvè! Augusto! Rei!»

S. Paulo, Outubro de 1868.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

ADORMECIDA

Ses longs cheveux épars la couvrent toute entière
La croix de son collier répose dans sa main,
Comme pour témoigner qu'elle a fait sa prière,
Et qu'elle va la faire en s'éveillant demain.

A. DE MUSSET.

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rêde encostada molemente...
Quási aberto o roupão... sôlto o cabelo
E o pé descalço do tapête rente.

'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entram pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trémulos — beijá-la.

Digitized by Google

Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as fôlhas verdes,
¡Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas quando a via despeitada a meio,
P'ra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta scena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
«Ó flor! — ¡tu és a virgem das campinas!
«Virgem! — ¡tu és a flor de minha vida!...»

S. Paulo, Novembro de 1868.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

JESUÍTAS

(SÉCULO XV)

Ó mes frères, je viens vous apporter mon Dieu.
Je viens vous apporter ma tête!

V. Hugo *(Châtiments.)*

Quando o vento da Fé soprava a Europa,
Como o tufão, que impele ao ar a tropa
Das águias, que pousavam no alcantil;
Do zimbório de Roma — a ventania
O bando dos Apóst'los sacudia
Aos cerros do Brasil.

Tempos idos! Extintos luzimentos!
O pó da catequese aos quatro ventos
Revoava nos céus...
Floria após na Índia, ou na Tartária,
No Mississipi, no Perú, na Arábia
Uma palmeira — Deus! —

Digitized by Google

O navio Maltês, do Latio a vela,
A Lusa nau, as quinas de Castela,
Do Holandês a galé
Levavam sem saber ao mundo inteiro
Os *vândalos* sublimes do cordeiro,
Os *atilas* da fé.

Onde ia aquela nau? — Ao Oriente.
A outra? — Ao Pólo. A outra? — Ao Ocidente.
Outra? — Ao Norte. Outra? — Ao Sul.
E o que buscava? A foca além do pólo;
O âmbar, o cravo no indiano solo,
Mulheres em Stambul.

Ouro — na Austrália; pedras — em Misora!...
«Mentira!» respondia em voz canora
O filho de Jesus...
«Pescadores!... nós vamos no mar fundo
«Pescar almas p'ra o Cristo em todo o mundo,
«¡Com um anzol — a cruz — !»

Homens de ferro! Mal na vaga fria
Colombo ou Gama um trilho descobria
Do mar nos escarcéus,
Um padre atravessava os equadores,
Dizendo: «Génios!... ¡sois os *batedores*
Da *matilha* de Deus!»

Digitized by Google

Depois as solidões surprêsas viam
Êsses homens inermes, que surgiam
Pela primeira vez.
E a onça recuando s'esgueirava
Julgando o crucifixo... alguma clava
Invencivel talvez!

O martirio, o deserto, o cardo, o espinho,
A pedra, a serpe do sertão maninho,
A fome, o frio, a dor,
Os insectos, os rios, as lianas,
Chuvas, miasmas, setas e savanas,
Horror e mais horror...

Nada turbava aquelas frontes calmas,
Nada curvava aquelas grandes almas
Voltadas p'ra amplidão...
No emtanto êles só tinham na jornada -
Por couraça — a sotaina esfarrapada...
E uma cruz — por bordão.

Um dia a *taba* do Tupi selvagem
Tocava alarma... embaixo da folhagem
Rangera estranho pé...
O caboc'lo da rêde ao chão saltava,
A seta hervada o arco recurvava...
Estrugia o *boré*.

Digitized by Google

E o tacape brandindo, a tribu fera
De um tigre ou de um jaguar ficava à espera
Com gesto ameaçador...
Surgia então no meio do terreiro
O padre calmo, santo, sobranceiro,
O *Piaga* do amor.

Quantas vezes então sôbre a fogueira,
Aos estalos sombrios da madeira,
Entre o fumo e a luz...
A voz do mártir murmurava ungida
«Irmãos! Eu vim trazer-vos — minha vida...
Vim trazer-vos — Jesus!»

Grandes homens! Apóstolos heróicos!...
Êles diziam mais do que os estóicos:
«¡Dor, — tu és um prazer!
«Grelha, — és um leito! Brasa, — és uma gema!
«Cravo, — és um scetro! Chama, — um diadema!
«¡Ó morte, — és o viver!»

Outras vezes no eterno itinerário
O sol, que vira um dia no Calvário
Do Cristo a santa cruz,
Enfiava de vir achar nos Andes
A mesma cruz, abrindo os braços grandes
Aos indios rubros, nus.

Digitized by Google

Eram êles que o verbo do Messias
Prègavam desde o vale às serranias,
Do Pólo ao Equador...
E o Niagara ia contar aos mares...
¡E o Chimborazo arremessava aos ares
O nome do Senhor!...

S. Paulo — 1868.

(Espumas Fluctuantes.)

Digitized by Google

QUANDO EU MORRER...

Eu morro, eu morro. A matutina brisa
Já não me arranca um riso. A fresca tarde
Já não me doura as descoradas faces
Que gélidas se encovam.

JUNQUEIRA FREIRE.

Quando eu morrer... não lancem meu cadáver
No fôsso de um sombrio cemitério...
Odeio o mausoléu que espera o morto
Como o viajante dêsse hotel funéreo.

Corre nas veias negras dêsse mármore
Não sei que sangue vil de messalina,
A cova, num bocejo indiferente,
Abre ao primeiro a bôca libertina.

Ei-la a nau do sepulcro — o cemitério...
¡Que o povo estranho no porão profundo!
Emigrantes sombrios que se embarcam
Para as plagas sem fim do outro mundo.

Digitized by Google

Tem os fogos — errantes — por santelmo.
Tem por velame — os panos do sudário...
Por mastro — o vulto esguio do cipreste,
Por gaivotas — o mocho funerário...

Ali ninguêm se firma à um braço amigo
Do inverno pelas lúgubres noitadas...
No tombadilho indiferentes chocam-se
E nas trevas esbarram-se as ossadas...

¡Como deve custar ao pobre morto
Ver as plagas da vida alêm perdidas,
Sem ver o branco fumo de seus lares
Levantar-se por entre as avenidas!...

Oh! preguntai aos frios esqueletos
Porque não têm o coração no peito...
E um dêles vos dirá: «Deixei-o há pouco
De minha amante no lascivo leito.»

Outro: «Dei-o a meu pai.» Outro: «Esqueci-o
Nas inocentes mãos de meu filhinho»...
...Meus amigos! Notai... ¡bem como um pássaro
O coração do morto volta ao ninho!...

S. Paulo, Março de 1869.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

A VOLTA DA PRIMAVERA

Aime, et tu renaîtras ; fais-toi fleur pour éclore,
Après avoir souffert, il faut souffrir encore,
Il faut aimer sans cesse, après avoir aimé.

A. DE MUSSET.

Ai não maldigas minha fronte pálida,
E o peito gasto ao referver de amores.
Vegetam louros — na caveira esquálida
E a sepultura se reveste em flores.

Bem sei que um dia o vendaval da sorte
Do mar lançou-me na gelada areia.
Serei... que importa? o D. Juan da morte.
¡Dá-me o teu seio — e tu serás Haideia!

¡Pousa esta mão — nos meus cabelos úmidos!..
¡Ensina á brisa ondulações suaves!
¡Dá-me um abrigo nos teus seios túmidos!
Fala!... ¡que eu ouço o pipilar das aves!

Digitized by Google

¿Já viste às vezes, quando o sol de Maio
Inunda o vale, o matagal e a veiga?
Murmura a relva: «Que suave raio!»
Responde o ramo: «¡Como a luz é meiga!»

E, ao doce influxo do clarão do dia,
O junco exausto, que cedera à enchente,
Levanta a fronte da lagoa fria...
Mergulha a fronte na lagoa ardente...

Se a natureza apaixonada acorda
Ao quente afago do celeste amante,
Diz!... Quando em fogo o teu olhar transborda
¿Não vês minh'alma reviver ovante?

E' que teu riso me penetra n'alma —
Como a harmonia de uma orquestra santa —
E' que teu riso tanta dor acalma...
Tanta descrença!... Tanta angústia!... Tanta!

Que eu digo ao ver tua celeste fronte:
«O céu consola toda dor que existe.
«¡Deus fêz a neve — para o negro monte!
«¡Deus fêz a virgem — para o bardo triste!»

Rio de Janeiro, Junho de 1869.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

MURMÚRIOS DA TARDE

E'coute! tout se tait; songe à ta bien aimée,
Ce soir, sous les tilleuls, à la sombre ramée,
Le rayon du couchant laisse un adieu doux;
Ce soir, tout va fleurir: l'immortelle nature
Se remplit de parfums d'amour et de murmure,
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.

A. DE MUSSET.

Rosa! Rosa de amor purpúrea e bela.

GARRET.

Ontem à tarde, quando o sol morria,
A natureza era um poema santo.
De cada moita a escuridão saia,
De cada gruta rebentava um canto,
Ontem, à tarde, quando o sol morria.

Do céu azul na profundeza escura
Brilhava a estrêla, como um fruto louro,
E qual a foice, que no chão fulgura,
Mostrava a lua o semicírc'lo d'ouro,
Do céu azul na profundeza escura.

Digitized by Google

¡Larga harmonia embalsamava os ares!
Cantava o ninho — suspirava o lago...
E a verde pluma dos subtis palmares
Tinha das ondas o murmúrio vago...
Larga harmonia embalsamava os ares.

¡Era dos sêres a harmonia imensa
Vago concêrto de saudade infinda!
«Sol — não me deixes» diz a vaga extensa.
«Aura — não fujas» diz a flor mais linda;
¡Era dos sêres a harmonia imensa!

«Leva-me! leva-me em teu seio amigo»
Dizia às nuvens o choroso orvalho,
«Rôla que foges» diz o ninho antigo,
«Leva-me ainda para um novo galho...
«Leva-me! leva-me em teu seio amigo.»

«¡Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!»
«Inda um calor, antes que chegue o frio...»
E mais o musgo se conchega à penha
E mais à penha se conchega o rio...
«¡Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!»

E tu no entanto no jardim vagavas,
Rosa de amor, celestial Maria...
Ai! como esquiva sôbre o chão pisavas,
Ai! como alegre a tua bôca ria...
E tu no entanto no jardim vagavas.

Digitized by Google

¡ Eras a estrêla transformada em virgem !
¡ Eras um anjo, que se fêz menina !
Tinhas das aves a celeste origem.
Tinhas da lua a palidez divina,
¡ Eras a estrêla transformada em virgem !

Flor ! Tu chegaste de outra flor mais perto.
Que bela rosa ! que fragrância meiga !
Dir-se-ia um riso no jardim aberto,
Dir-se-ia um beijo, que nasceu na veiga...
Flor ! ¡Tu chegaste de outra flor mais perto !...

E eu, que escutava o conversar das flores,
Ouvi, que a rosa murmurava ardente :
«Colhe-me, ó virgem, — não terei mais dores,
«Guarda-me, ó bela, no teu seio quente...»
E eu escutava o conversar das flores.

«Leva-me ! leva-me, ó gentil Maria !»
Também então eu murmurei scismando...
«Minh'alma é rosa, que a geada esfria...
«Dá-lhe em teus seios um asilo brando...
«Leva-me ! leva-me, ó gentil Maria !...»

Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1869.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

IMMENSIS ORBIBUS ANGUIS

Sibilæ lambebant linguis vibrantibus ora

VERGÍLIO.

I

Resvala em fogo o sol dos montes sôbre a espalda,
E lustra o dorso nu da índia americana...
Na selva zumbe emtanto o insecto de esmeralda,
E pousa o colibri nas flores da liana.

Ali — ¡ a luz cruel, a calmaria intensa !
Aqui — a sombra, a paz, os ventos, a cascata...
E a pluma dos bambus a tremular imensa...
E o canto de aves mil... e a solidão... e a mata...

E á hora em que, fugindo aos raios da esplanada,
A Indígena, a gentil matrona do deserto
Amarra aos palmeirais a rêde mosqueada,
Que, leve como um berço, embala o vento incerto...

Então ela abandona-lhe ao beijo apaixonado
A perna mais formosa — o corpo mais macio,
E, as pálpebras cerrando, ao filho bronzeado
Entrega um seio nu, moreno luzidio.

Digitized by Google

Porêm dentre os espatos esguios do coqueiro,
Do verde gravatá nos cachos reluzentes,
Enrosca-se e deslisa um corpo sorrateiro
E desce devagar pelos cipós pendentes.

E desce... e desce mais... à rêde já se chega...
Da índia nos cabelos a longa cauda some...
Horror! ¡aquele horror ao peito eis que se apega!
¡A baba — quer o leite! — A chaga — sente fome!

O veneno — quer mel! — ¡a escama quer a pele!
Quer o almiscar—perfume! ¡O imundo quer—o belo!
¡A língua do reptil — lambendo o seio imbele!...
Uma *cobra* — por filho... Horrivel pesadelo!...

II

Assim, minh'alma, assim um dia adormeceste
Na floresta ideal da ardente mocidade...
Abria a fantasia — a pétala celeste...
Zumbia o sonho d'ouro em doce obscuridade...

Assim, minh'alma deste o seio (ó dor imensa!)
¡Onde a paixão corria indómita e fremente!
Assim bebeu-te a vida, a mocidade e a crença
¡Não bôca de mulher... mas de fatal serpente!...

Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1869.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

O TONEL DAS DANAIDES

DIÁLOGO

Na torrente caudal de seus cabelos negros
Alegre eu embarquei da vida a rubra flor.

— Poeta ! Eras o Doge o anel lançando às ondas...
Ao fundo de um abismo... arremessaste o amor.

Depois minh'alma ao som da Lira de cem vozes
Sublimes fantasias em notas desfolhou.

—Cleópatra também p'ra erguer no Tibre a espuma
¡ As pér'las do colar nas vagas desfiou !

Depois fiz de meu verso a púrpura escarlate
¡ Por onde ela pisasse em marcha triunfal !

—Como Hércules, volveste aos pés da insana Onfalia
O fuso feminil de uma paixão fatal.

Digitized by Google

Um dia ela me disse: «Eu sou uma exilada!»
Ergui-me... e abandonei meu lar e meu país...

— Assim o filho pródigo atira as vestes quentes
E treme no caminho aos pés da meretriz.

E quando debrucei-me à beira daquela alma
¡ P'ra ver tôda riqueza e afectos que lhe dei!...

— Ai! nada mais achaste! o abismo os devorara...
¡ O pego se esqueceu da dádiva do Rei!

Na gruta do chacal ao menos restam ossos...
¡ Mas tudo sepultou-me aquele amor cruel!

— Poeta! O coração da fria Messalina
¡ É das fatais Danaides o pérfido *Tonel!*

14 de Outubro de 1869.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

É TARDE!

Olha-me, ó virgem, a fronte
Olha-me os olhos sem luz,
A palidez do infortúnio
Por minhas faces transluz;
Olha, ó virgem — não te iludas —
Eu só tenho a lira e a cruz.

JUNQUEIRA FREIRE.

É tarde! É muito tarde!

MONT'ALVERNE.

É tarde! É muito tarde! O templo é negro...
O fogo — santo já no altar não arde.
Vestal! não venhas tropeçar nas piras...
É tarde! É muito tarde!

Treda noite! E minh'alma era o sacrário,
A lâmpada do amor velava emtanto,
Virgem flor enfeitava a borda virgem
Do vaso sacrosanto;

Quando Ela veio — a negra feiticeira —
A libertina, lúgubre bacante,
Lascivo olhar, a trança desgrenhada,
A roupa gotejante.

Digitized by Google

Foi minha crença — o vinho dessa orgia,
Foi minha vida a chama que apagou-se,
Foi minha mocidade — o toro lúbrico.
Minh'alma — o tredo alcouce.

¡ E tu, visão do céu ! Vens tateando
¿ O abismo onde uma luz sequer não arde ?
Ai ! não vás resvalar no chão lodoso...
É tarde ! É muito tarde !

Ai ! ¡ não queiras os restos do banquete !
¡ Não queiras êsse leito conspurcado !
Sabes ? meu beijo te manchara os lábios
Num beijo profanado.

A flor do lírio de celeste alvura
Quer da luciola o púdico afago...
O cisne branco no arrufar das plumas
Quer o aljôfar do lago.

É tarde ! A rôla meiga do deserto
Faz o ninho na moita perfumada...
Rôla de amor ! não vás ferir as àsas
Na ruina gretada.

Como o templo, que o crime encheu de espanto,
Êrmo e fechado ao fustigar do norte,
Nas ruinas desta alma a raiva geme...
E cresce o cardo — a morte —

Digitized by Google

Ciúme ! dor ! sarcasmo ! — Aves da noite !
Vós povoais-me a solidão sombria,
Quando nas trevas a tormenta ulula
Um uivo de agonia !...

.....

É tarde ! Estrêla d'alva ! o lago é turvo.
Dançam *fogos* no pântano sombrio.
Pede a Deus que dos céus as cataratas
¡ Façam do brejo — um rio !

Mas não !... Sómente as vagas do sepulcro
Hão de apagar o fogo que em mim arde...
Perdoa-me, Senhora !... Eu sei que morro...
É tarde ! É muito tarde !...

Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1869.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

O FANTASMA E A CANÇÃO

> Orgulho! desce os olhos dos céus sôbre ti mesmo; e vê como os nomes mais poderosos vão-se refugiar numa canção.
>
> BYRON.

— Quem bate? — «A noite é sombria!»
— Quem bate? — «É rijo o tufão!...
Não ouvis? a ventania
Ladra à lua como um cão.»
— Quem bate? — «O nome qu'importa
¡Chamo-me dor... abre a porta!
¡Chamo-me frio... abre o lar!
¡Dá-me pão... chamo-me fome!
¡Necessidade «é o meu nome!»
— Mendigo! podes passar!

«¿Mulher, se eu falar, prometes
A porta abrir-me?» — Talvez.
— «Olha... nas cans dêste velho
Verás fanados lauréis.
Há no meu crânio enrugado
O fundo sulco traçado
Pela c'roa imperial.
Foragido, errante espectro,
¡Meu cajado — já foi scetro!
¡Meus trapos — manto rial!»

Digitized by Google

— Senhor, minha casa é pobre...
¡ Ide bater a um solar!
— «De lá venho... O Rei-fantasma
Baniram do próprio lar.
Nas largas escadarias,
Nas vetustas galerias,
Os pajens e as cortesans
Cantavam!... Reinava a orgia!...
Festa! Festa! E ninguêm via
¡ O Rei coberto de cans!»

— Fantasma! Aos grandes, que tombam,
É palácio o mausoléu!
— «Silêncio! De longe eu venho...
Também meu túmulo morreu.
O séc'lo — traça que medra
Nos livros feitos de pedra —
Rói o mármore, cruel.
O tempo — Atila terrivel
Quebra co'a pata invisivel
Sarcófago e capitel.

«Desgraça então para o espectro,
Quer seja Homero ou Solon,
Se, medindo a treva imensa
Vai bater ao Panteon...
O motim — Nero profano —
No ventre da cova insano
Mergulha os dedos cruéis.
Da guerra nos paroxismos
Se abismam mesmo os abismos
¡ E o morto morre outra vez!

Digitized by Google

«Então, nas sombras infindas,
S'esbarram em confusão
Os fantasmas sem abrigo
Nem no espaço, nem no chão...
As almas angustiadas,
Como águias desaninhadas,
Gemendo voam no ar.
E enchem de vagos lamentos
As vagas negras dos ventos,
¡Os ventos do negro mar!

«Bati a tôdas portas
¡Nem uma só me acolheu!...»
— Entra! —: Uma voz argentina
Dentro do lar respondeu.
— «Entra, pois! Sombra exilada,
Entra! O verso — é uma pousada
Aos reis que perdidos vão.
A estrofe — é a púrpura extrema,
¡Último trono — é o poema!
¡Último asilo — a *Canção!*...»

Baía, 13 de Dezembro de 1869.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

POESIA E MENDICIDADE

No Álbum da Ex.ma Sr.a D. Maria Justina Proença Pereira Peixoto

---

I

Senhora! A Poesia outrora era a Estrangeira,
Pálida, aventureira, errante a viajar,
Batendo em duas portas – ao grito das procelas, —
¡ Ao céu — pedindo estrêlas, à terra — um pobre lar!

Visão —de áureos lauréis,—porêm de manto esquálido,
Mulher — de lábio pálido — e olhar — cheio de luz.
Seus passos nos espinhos em sangue se assinalam...
E os astros lhe resvalam — à flor dos ombros nus...

II

Olhai! O sol descamba... A tarde harmoniosa
Envolve luminosa a Grécia em frouxo véu.
Na estrada, ao som da vaga, ao suspirar do vento,
De um marco poeirento um velho então se ergueu.

Ergueu-se tateando... é cego... O cego anseia...
¿ Porêm o que tateia aquela augusta mão? ..
¡ Talvez busca pegar o sol, que lento expira!...
Fado cruel!... mentira!... Homero pede pão!

Digitized by Google

III

Mas ai! volvei, Senhora, os vossos belos olhos
¡ Daquele mar d'abrolhos, a um novo quadro! olhai!
Do vasto salão gótico eu ergo o reposteiro...
O lar é hospitaleiro... Entrai, Senhora, entrai!

Estamos na média idade. Arnês, gládio, armadura
Servem de compostura à sala vasta e chã.
A um lado um galgo esbelto ameiga e acaricia
A mão suave, esguia — à loura castelã.

Vai o banquete em meio... O bardo se alevanta
Pega da lira... canta... uma canção de amor...
Ouvi-o! ¡ Para ouvi-lo, a estrêla pensativa
Alonga pela ogiva um raio de languor!

Dos ramos do carvalho a brisa se debruça...
Na sala alguêm soluça... (amor ou languidez?)
Súbito a nota extrema anseia, treme, rola...
Alguêm pede uma esmola... Senhora não olheis!...

Assim nos tempos idos a musa canta e pede...
¡Génio e mendigo... vêde... o abismo de irrisões!
Tasso implora um olhar! Vai Ossian mendicante...
Caminha rôto o Dante! e pede pão Camões!

IV

Bem sei, Senhora, que ao talento agora
Surgiu a aurora de uma luz amena.
Hoje há salário p'ra qualquer trabalho,
¡Cinzel ou malho, ferramenta ou pena!

Digitized by Google

Melhor que o Rei sabe pagar o pobre,
Melhor que o nobre — protector verdugo — !
Foi surdo um *trono... à maior glória vossa...*
Abre-se a choça aos *Miseráveis* de Hugo.

Porêm não sei se é por costume antigo,
Que inda é mendigo do cantor o génio.
Mudem-se os panos do scenário a êsmo,
O vulto é o mesmo... num melhor proscénio...

V

Hoje o poeta — caminheiro errante,
Que tem saudades de um país melhor,
Pede uma pérola à maré montante,
Do seio às vagas — pede — um outro amor.

Alma sedenta de ideal na terra,
¡ Busca apagar aquela sêde atroz!
¡ Pede a harmonia divinal, que encerra
Do ninho o chilro... da tormenta a voz!

E o rir da fôlha, o sussurrar da fala,
Trenos da estrêla no amoroso estio,
¡ Voz que dos poros o Universo exala
Do céu, da gruta, do alcantil, do rio!

Pede aos pequenos, desde o verme ao tôjo,
Ao fraco, ao forte... — preces, gritos, uivos...
Pede das águias o possante arrôjo,
Para encontrar os meteoros ruivos.

Digitized by Google

Pede à mulher que seja boa e linda
— Vestal de um tipo que o *ideal* revela...
Pois ser formosa é ser melhor ainda...
Se és boa — és luz,... mas, se és formosa — estrêla...

E pede à sombra, p'ra aljofrar de orvalhos
A fronte azul da solidão nocturna,
E pede às auras, p'ra afagar os galhos,
E pede ao lírio, p'ra enfeitar a furna.

Pede ao olhar a maciez suave
Que tem o arminho e o edredon macio,
O aveludado da penugem d'ave,
Que afaga as plumas no palmar sombrio.

. . . . . .

E, quando encontra sôbre a terra ingrata
Um reverbero do clarão celeste,
— Alma formada de uma essência grata,
Que a lua — doura e que um perfume — veste;

Um rir, que nasce, como o broto em maio,
Mostrando seivas de bondade infinda,
Fonte que guarda — a claridade e o raio,
— Virtude e graça — o ser bondosa e linda...

Então, Senhora, sob tanto encanto
Pede o poeta (que não tem renome)
— Versos à brisa — p'ra vos dar um canto...
Raios ao sol — ¡p'ra vos traçar o nome!...

Baía, 26 de Janeiro de 1870.

(Espumas Fluituantes.)

Digitized by Google

VERSOS DE UM VIAJANTE

Ai, nenhum Mago da Caldeia sábia
A dor abrandará que me devora.

F. VARELA.

Tenho saudade das cidades vastas,
Dos invios cerros, do ambiente azul...
Tenho saudade dos cerúleos mares,
¡ Das belas filhas do país do sul!

Tenho saudade de meus dias idos
— Pét'las perdidas em fatal paúl —
Pét'las, que outrora desfolhámos juntos,
¡ Morenas filhas do país do sul!

Lá onde as vagas nas areias rolam,
Bem como aos pés da Oriental Stambul...
E da Tijuca na nitente espuma
Banham-se as filhas do país do sul.

Onde ao sereno a magnólia esconde
Os pirilampos «de lanterna azul»,
Os pirilampos, que trazeis nas coifas,
Morenas filhas do país do sul.

Digitized by Google

Tenho saudades... ai! de ti, São Paulo
— Rosa de Espanha no hibernal Friul —
Quando o estudante e a serenata acordam
As belas filhas do país do sul.

Das várzeas longas, das manhãs brumosas,
Noites de névoa, ao rugitar do sul,
Quando eu sonhava nos morenos seios,
Das belas filhas do país do sul.

Em caminho, Fevereiro de 1870.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

HORAS DE SAUDADE

Tudo vem me lembrar que tu fugiste,
Tudo, que me rodeia, de ti fala.
Inda a almofada, em que pousaste a fronte,
O teu perfume predilecto exala.

No piano saudoso, à tua espera,
Dormem sono de morte as harmonias:
E a valsa entreaberta mostra a frase,
A doce frase que inda há pouco lias.

As horas passam longas, sonolentas...
Desce a tarde no carro vaporoso...
D'Ave-Maria o sino, que soluça,
E' por ti que soluça mais queixoso.

E não vens te sentar perto, bem perto,
Nem derramas, ao vento da tardinha,
A caçoula de notas rutilantes
Que tu'alma entornava sôbre a minha.

Digitized by Google

E, quando uma tristeza irresistivel
Mas fundo cava-me um abismo n'alma,
Como a harpa de David, teu riso santo
Meu acerbo sofrer já não acalma.

E' que tudo me lembra que fugiste,
Tudo que me rodeia, de ti fala,
Como o cristal da essência do Oriente
Mesmo vazio a sândalo trescala...

No ramo curvo o ninho abandonado
Relembra o pipilar do passarinho.
Foi-se a festa de amores e de afagos...
¡Eras — ave do céu... minh'alma — o ninho!

Por onde trilhas — um perfume expande-se,
¡Há ritmo e cadência no teu passo!
E's, como a estrêla, que transpondo as sombras,
Deixa um rasto de luz no azul do espaço...

E teu rastro de amor guarda minh'alma,
Estrêla, que fugiste aos meus anelos,
Que levaste-me a vida entrelaçada
¡Na sombra sideral de teus cabelos!...

2 de Abril de 1870.

(Hinos do Equador.)

Digitized by Google

O HÓSPEDE

Chore por ver que os dias passam breves
E te esqueces de mim quando te fores;
Como as brisas que passam doidas, leves,
E não tornam atrás a ver as flores.

TEÓFILO BRAGA.

«Onde vais estrangeiro! ¿Porque deixas
O solitário albergue do deserto?
¿O que buscas além dos horizontes?
Porque transpor o píncaro dos montes,
¿Quando podes achar o amor tão perto?

«Pálido moço! Um dia tu chegaste
De outros climas, de terras bem distantes...
Era noite!... A tormenta além rugia...
Nos abetos da serra a ventania
Tinha gemidos longos, delirantes.

«Uma buzina restrugiu no vale
Junto aos barrancos onde geme o rio...
De teu cavalo o galopar soava,
E teu cão ululando replicava
Aos surdos roncos do trovão bravio.

Digitized by Google

«Entraste! A loura chama do brasido
Lambia um velho cedro crepitante.
Eras tão triste ao lume da fogueira...
Que eu derramei a lágrima primeira
¡ Quando enxuguei teu manto gotejante!

«Onde vais, estrangeiro? ¿Porque deixas
Esta infeliz, misérrima cabana?
Inda as aves te afagam do arvoredo...
Se quiseres... as flores do silvedo
Verás inda nas tranças da serrana.

«Queres voltar a êste país maldito
¿Onde a alegria e o riso te deixaram?
Eu não sei tua história... mas que importa?...
... Boia em teus olhos a esperança morta
Que as mulheres de lá te apunhalaram.

«Não partas, não! Aqui todos te querem!
Minhas aves amigas te conhecem.
Quando à tardinha volves da colina
Sem receio da longa carabina
De lagedo em lagedo as corças descem.

«Teu cavalo nitrindo na savana
Lambe as úmid-s gramas em meus dedos.
Quando a *fanfarra* tocas na montanha,
A matilha dos ecos te acompanha
Ladrando pela ponta dos penedos.

Digitized by Google

«Onde vais, belo moço? Se partires
¿Quem será teu amigo, irmão e pajem?
E quando a negra insónia te devora,
Quem na guitarra que suspira e chora,
¿Há de cantar-te seu amor selvagem?

«¡A choça do destêrro é nua e fria!
¡O caminho do exílio é só de abrolhos!
¿Que família melhor que meus desvelos?...
Que tenda mais subtil que meus cabelos
¿Estrelados nos prantos de teus olhos?...

«Estranho moço! Eu vejo em tua fronte
Esta amargura atroz que não tem cura.
Acaso fulge ao sol de outros países,
Por entre as balsas de cheirosos lises,
¿A espôsa que tua alma assim procura?

«Talvez tenhas além servos e amantes,
Um palácio em lugar de uma choupana.
E aqui só tens uma guitarra e um beijo,
E o fogo ardente de ideal desejo
¡Nos seios virgens da infeliz serrana!...»

No emtanto *Êle* partiu!... Seu vulto ao longe
Escondeu-se onde a vista não alcança...
... Mas não penseis que o triste forasteiro
Foi procurar nos lares do estrangeiro
¡O fantasma sequer de uma esperança!...

Curralinho, 29 de Abril de 1870.

(Espumas Fluctuantes.)

Digitized by Google

COUP D'ÉTRIER

É preciso partir! Já na calçada
Retinem as esporas do arrieiro;
Da mula a ferradura taxeada
Impaciente chama o cavaleiro;
A espaços ensaiando uma toada
Sincha as bêstas o lépido tropeiro...
Soa a celeuma alegre da partida,
O pajem firma o loro e empunha a brida.

Já do largo deserto o sôpro quente
Mergulha perfumado em meus cabelos.
Ouço das selvas a canção cadente
Segredando-me incógnitos anelos.
A voz dos servos pitoresca, ardente,
Fala de amores férvidos, singelos...
Adeus! Na fôlha rôta de meu fado
Traço ainda um — adeus — ao meu passado.

Digitized by Google

Um adeus! E depois morra no olvido
Minha história de luto e de martírio,
As horas que eu vagueei louco, perdido
Das cidades no tétrico delírio;
Onde em pântano turvo, apodrecido
D'íntimas flores não rebenta um lírio...
E do drama das noites no prostíbulo
¡É mártir — alma... a saturnal — patíbulo!

Onde o Génio sucumbe na asfixia
Em meio à turba alvar e zombeteira;
Onde Musset suicida-se na orgia,
¡E Chatterton na fome aterradora!
Onde, à luz de uma lâmpada sombria,
O Anjo-da-Guarda ajoelhado chora,
Emquanto a cortesã lhe apanha os prantos
¡P'ra realce dos lúbricos encantos!...

¡Abre-me o seio, ó Madre Natureza!
Regaços da floresta americana,
Acalenta-me a mágida tristeza
Que da vaga das turbas espadana.
¡Troca d'est'alma a fria morbideza
Nessa ubérrima seiva soberana!
O *Pródigo*... do lar procura o trilho...
Natureza! Eu voltei... ¡e eu sou teu filho!

Digitized by Google

Novo alento selvagem, grandioso
Trema nas cordas desta frouxa lira.
Dá-me um plectro bizarro e majestoso,
Alto como os ramais da sicupira.
Cante meu gênio o dédalo assombroso
Da floresta que ruge e que suspira,
Onde a víbora lambe a parasita ..
¡ E a onça fula o dorso pardo agita !

Onde em cálix de flor imaginário
A cobra de coral rola no orvalho,
E o vento leva a um tempo o canto vário
D'araponga e da serpe de chocalho...
Onde a soidão é o magno estradivário...
Onde há músculos em fúria em cada galho,
E as raízes se torcem quais serpentes...
E os monstros jazem no hervaçal dormentes.

E se eu devo expirar... se a fibra morta
Reviver já não pode a tanto alento...
Companheiro ! Uma cruz na selva corta
¡ E planta-a no meu tôsco monumento !...
Da chapada nos êrmos... (o qu'importa !)
Melhor o inverno chora... e geme o vento,
E Deus para o poeta o céu desata
¡ Semeado de lágrimas de prata !...

Curralinho, 1 de Junho de 1870.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

PELAS SOMBRAS

Ao padre Francisco de Paula

C'est que je suis frappé du doute
C'est que l'étoile de la foi
N'éclaire plus ma noire route :
Tout est abîme autour de moi !

LA MORVONNAIS.

Senhor ! A noite é brava... a praia é tôda escolhos
Ladram na escuridão das *Circes as cadelas*...
As lívidas marés atiram, a meus olhos,
¡ Cadáveres, que riem à face das estrêlas !

Da garça do oceano as ensopadas penas
O mórbido suor enxugam-me da testa.
Na aresta do rochedo o pé se firma apenas...
¡ No entanto ouço do abismo a rugidora festa !...

Nas orlas de meu manto o vendaval s'enrola...
Como invisível dextra açoita as faces minhas...
Emquanto que eu tropeço... um grito ao longe rola...
«Quem foi?» preguntam rindo as solidões marinhas.

Digitized by Google

Senhor! Um facho ao menos empresta ao caminhante.
A treva me assoberba... Ó Deus! dá-me um clarão!

E uma Voz respondeu nas sombras triunfante:
«Acende, ó Viajor! — o facho da Razão!»

.....

Senhor! Ao pé do lar, na quietação, na calma
Pode a flama subir brilhante, loura, eterna;
Mas quando os vendavais, rugindo, passam n'alma,
¿ Quem pode resguardar a trêmula lanterna?

Torcida... desgrenhada aos dedos da lufada
Bateu-me contra o rosto... e se abismou na treva.
Eu vi-a vacilar... e minha mão queimada
A lâmpada sem luz embalde ao raio eleva.

¡ Quem fêz a gruta — escura, o pirilampo cria!
¡ Quem fêz a noite — azul, inventa a estrêla clara!
¡ Na fronte do oceano — acende uma ardentia!
¡ Com o floco do Santelmo — a tempestade aclara!

Mas ai! Que a treva interna — a dúvida constante —
¡ Deixaste assoberbar-me em funda escuridão! ..

E uma Voz respondeu nas sombras triunfante:
«Acende, ó Viajor! a Fé no Coração!...»

Curralinho, 5 de Junho de 1870.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Eram três anjos — e uma só mulher.

* * *

Quando a infância corria alegre, à toa,
Como a primeira flor que, na lagoa,
Sôbre o cristal das águas se revê,
Em minha infância reflectiu-se a tua...
Beijei-te as mãos suaves, pequeninas,
Tinhas um palpitar de àsas divinas...
Eras — o Anjo da Fé!...

Depois eu te revi... na fronte branca,
Radiava entre pérolas mais franca
¡ A altiva c'roa que a beleza trança !...
Sob os passos da diva triunfante,
Ardente, humilde, arremessei minh'alma,
Por ti sonhei — triunfador — a palma,
O' — Anjo da Esperança!...—

Hoje é o terceiro marco dessa história
Calcinado aos relâmpagos da glória,
¡ Descri do amor, zombei da eternidade!...
Ai, não! — celeste e peregrina Déa,
¡ Por ti em *rosas* mudam-se os martírios !
Há no teu seio a maciez dos lírios...
Anjo da Caridade!...

Curralinho, 20 de Junho de 1870.

(Hinos do Equador.)

Digitized by Google

OS PERFUMES

A L.

> O sândalo é o perfume das mulheres de Stamboul, e das houris do profeta; como as borboletas, que se alimentam do mel, a mulher do Oriente vive com as gotas dessa essência divina.
>
> J. D'ALENCAR.

O perfume é o invólucro invisível,
Que encerra as formas da mulher bonita.
Bem como a salamandra em chamas vive,
Entre perfumes a sultana habita.

Escrínio aveludado onde se guarda
— Colar de pedras — a beleza esquiva,
Espécie de crisálida, onde mora
A borboleta dos salões — a Diva.

Almas das flores — quando as flores morrem,
Os perfumes emigram para as belas,
Trocam lábios de virgens — por boninas,
¡Trocam lírios — por seios de donzelas!

Digitized by Google

E ali — silfos travessos, traiçoeiros
Voam cantando em lânguido compasso
Ocultos nesses cálices macios
Das covinhas de um rosto ou dum regaço.

Vós, que não entendeis a lenda oculta,
A linguagem mimosa dos aromas,
De Madalena a urna olhais apenas
Como um primor de orientais redomas;

E não vêdes que ali na mirra e nardo
Vai tôda a crença da Judia loura...
E que o óleo, que lava os pés do Cristo,
É uma reza também da pecadora.

Por mim eu sei que há confidências ternas,
Um poema saudoso, angustiado,
Se uma rosa de há muito emmurchecida,
Rola acaso de um livro abandonado.

O espírito talvez dos tempos idos
Desperta ali como invisível nume...
E o poeta murmura suspirando:
«¡Bem me lembro... era êste o *seu* perfume!»

¿E que segrêdo não revela acaso
De uma mulher a predilecta essência?
¡Ora o cheiro é lascivo e provocante!
¡Ora casto, infantil, como a inocência!

Digitized by Google

Ora propala os sensuais anseios
D'alcova de Ninon ou de Margarida,
Ora o mistério divinal do leito,
Onde sonha Cecilia adormecida.

Aqui, na magnólia de Celuta
Lambe a sôlta madeixa, que se estira.
Unge o bronze do ombro da caboc'la,
E o mármore do corpo da Hetaira.

É que o perfume denúncia o espírito
Que sob as formas feminis palpita...
Pois como a salamandra em chamas vive,
Entre perfumes a mulher habita.

Curralinho, 21 de Junho de 1870.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

A UMA ESTRANGEIRA

(LEMBRANÇA DE UMA NOITE NO MAR)

Sens-tu mon cœur, comme il palpite?
Le tien comme il battait gaiement!
Je m'en vais pourtant, ma petite,
Bien loin, bien vite,
Toujours t'aimant.

(Chanson.)

Inês! nas terras distantes,
Aonde vives talvez,
¿Inda lembram-te os instantes
Daquela noite divina?...
Estrangeira, peregrina,
Quem sabe? — Lembras-te, Inês?

Branda noite! ¿A noite imensa
Não era um ninho? — Talvez!...
¿Do Atlântico a vaga extensa
Não era um berço? — Oh! Se o era...
¡Berço e ninho... ai, primavera!
O ninho, o berço de Inês.

Digitized by Google

Às vezes estremecias...
Era de febre? Talvez!...
Eu pegava-te as mãos frias
P'ra aquentá-las em meus beijos...
Oh! palidez! Oh! desejos!
Oh! longos cílios de Inês.

Na proa os nautas cantavam;
Eram saudades?... Talvez!
Nossos beijos estalavam
Como estala a castanhola...
Lembras-te acaso, espanhola?
Acaso lembras-te, Inês?

Meus olhos nos teus morriam...
Seria vida? — Talvez!
E meus prantos te diziam:
«Tu levas minh'alma, ó filha,
Nas rendas desta mantilha...
Na tua mantilha, Inês!»

De Cadiz o aroma ainda
Tinhas no seio... — Talvez!
De Buenos Aires a linda,
Volvendo aos lares trazia
As rosas de Andaluzia
Nas lisas faces de Inês!

Digitized by Google

E volvia a Americana
Do Plata às vagas... Talvez?
E a brisa amorosa, insana
Misturava os meus cabelos
Aos cachos escuros, belos,
¡Aos negros cachos de Inês!

As estrêlas acordavam
Do fundo do mar... Talvez!
Na proa as ondas cantavam.
E a serenata divina
Tu, com a ponta da botina,
Marcavas no chão... Inês!

¿Não era cumplicidade
Do céu, dos mares? Talvez!
Dir-se-ia que a imensidade
— Conspiradora mimosa —
Dizia à vaga amorosa:
«Segreda amores à Inês!»

E como um véu transparente,
Um véu de noiva... talvez,
Da lua o raio tremente
Te enchia de casto brilho...
E a rastos no tombadilho
¡Caía a teus pés... Inês!...

Digitized by Google

¿E essa noite delirante
Pudeste esquecer? — Talvez...
Ou talvez que neste instante,
Lembrando-te inda saudosa,
Suspires, moça formosa!...
Talvez te lembres... Inês!

Curralinho, 2 de Julho de 1870.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

OS ANJOS DA MEIA-NOITE

FOTOGRAFIAS

I

Quando a insónia, qual lívido vampiro,
Como o arcanjo da guarda do Sepulcro,
Vela á noite por nós,
E banha-se em suor o travesseiro,
E além geme nas franças do pinheiro
Da brisa a longa voz...

Quando sangrenta a luz no alampadário
Estala, cresce, expira, após ressurge,
Como uma alma a penar;
E canta aos guizos rubros da loucura
A febre — a meretriz da sepultura —
A rir e a soluçar...

Quando tudo vacila e se evapora,
Muda e se anima, vive e se transforma,
Cambaleia e se esvai...

Digitized by Google

E da sala na mágica penumbra
Um mundo em trevas rápido se obumbra...
E outro das trevas sai...

.....

Então... nos brancos mantos que arregaçam
Da meia-noite os Anjos alvos passam
Em longa procissão!
¡E eu murmuro ao fitá-los assombrado:
São os Anjos de amor de meu passado
Que desfilando vão...

Almas, que um dia no meu peito ardente
Derramastes dos sonhos a semente,
Mulheres, que eu amei!
Anjos louros do céu! virgens serenas!
Madonas, Querubins, ou Madalenas!
Surgi! aparecei!

Vinde, fantasmas! Eu vos amo ainda;
Acorde-se a harmonia à noite infinda
Ao rôto bandolim...

.....

E no éter, que em notas se perfuma,
As visões s'alteando uma por uma...
Vão desfilando assim!...

Digitized by Google

1.ª SOMBRA

MARIETA

Como o génio da noite, que desata
O vêu de rendas sôbre a espádua nua,
Ela solta os cabelos... Bate a lua
Nas alvas dobras de um lençol de prata...

O seio virginal, que a mão recata,
Embalde o prende a mão... cresce, flutua...
Sonha a moça ao relento... ¡Além na rua
Preludia um violão na serenata!...

...Furtivos passos morrem no lajedo...
Resvala a escada do balcão discreta...
Matam lábios os beijos em segrêdo...

Afoga-me os suspiros, Marieta!
Oh surprêsa! oh palor! oh pranto! oh mêdo!
Ai! ¡noites de Romeu e Julieta! ..

Digitized by Google

2.ª SOMBRA

BÁRBARA

Erguendo o cálix, que o Xerez perfuma,
Loura a trança alastrando-lhe os joelhos,
Dentes níveos em lábios tão vermelhos,
Como boiando em purpurina escuma;

Um dorso de Valquiria... alvo de bruma,
Pequenos pés sob infantis artelhos,
Olhos vivos, tão vivos, como espelhos,
Mas como êles também sem chama alguma;

Garganta de um palor alabastrino,
Que harmonias e músicas respira...
No lábio—um beijo... no beijar—um hino;

Harpa eólia a esperar que o vento a fira,
— Um pedaço de mármore divino...
— E' o retrato de Bárbara — a Hetaira. —

Digitized by Google

3.ª SOMBRA

ESTER

Vem! ¡no teu peito cálido e brilhante
O nardo oriental melhor transpira!...
Enrola-te na longa caxemira,
Como as Judias moles do Levante,

Alva a clâmide aos ventos — roçagante...
Túmido o lábio, onde o psaltério gira...
O' musa de Israel! pega da lira...
¡Canta os martírios de teu povo errante!

Mas não... brisa da pátria além revoa,
E ao delamber-lhe o braço de alabastro,
Falou-lhe de partir... e parte... e voa...

Qual nas algas marinhas desce um astro...
Linda Ester! teu perfil se esvai... s'escoa...
Só me resta um perfume... um canto... um rastro...

Digitized by Google

4.ª SOMBRA

FABIOLA

Como teu riso dói... como na treva
Os lémures respondem no infinito:
Tens o aspecto do pássaro maldito,
¡ Que em sânie de cadáveres se ceva !

Filha da noite ! A ventania leva
Um soluço de amor pungente, aflito...
Fabiola ! E' teu nome !... Escuta... é um grito,
¡ Que lacerante para os céus s'eleva !...

E tu folgas, Bacante dos amores,
E a orgia, que a mantilha te arregaça,
Enche a noite de horror, de mais horrores...

¡ E' sangue, que referve-te na taça !
¡ E' sangue, que borrifa-te estas flores !
E êste sangue é meu sangue... é meu... Desgraça !

Digitized by Google

5.ª e 6.ª SOMBRAS

CÂNDIDA E LAURA

Como no tanque de um palácio mago,
Dois alvos cisnes na bacia lisa,
Como nas águas, que o barqueiro frisa,
Dois nenúfares sôbre o azul do lago,

Como nas hastes em balouço vago
Dois lírios roxos, que acalenta a brisa,
Como um casal de juritis, que pisa
O mesmo ramo no amoroso afago...,

Quais dois planetas na cerúlea esfera,
Como os primeiros pâmpanos das vinhas,
Como os renovos nos ramos da hera,

Eu vos vejo passar nas noites minhas,
Crianças, que trazeis-me a primavera...
¡Crianças, que lembrais-me as andorinhas!...

Digitized by Google

7.ª SOMBRA

DULCE

Se houvesse ainda talismã bemdito,
Que desse ao pântano — a corrente pura,
Musgo — ao rochedo, festa — à sepultura,
Das águias negras — harmonia ao grito...,

Se alguêm pudesse ao infeliz precito
Dar lugar no banquete da ventura...
E trocar-lhe o velar da insónia escura
No poema dos beijos — infinito...,

Certo... serias tu, donzela casta,
Quem me tomasse em meio do Calvário
¡A crúz de angústias, que o meu ser arrasta!...

Mas se tudo recusa-me o fadário,
Na hora de expirar, ó Dulce, ¡basta
Morrer beijando a cruz de teu rosário!...

Digitized by Google

8.ª SOMBRA

ÚLTIMO FANTASMA

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,
¿Que te elevas da noite na orvalhada?
Tens a face nas sombras mergulhada...
Sôbre as névoas te libras vaporoso...

¡Baixas do céu num vôo harmonioso!...
¿Quem és tu, bela e branca desposada?
Da laranjeira em flor a flor nevada
¡Cerca-te a fronte, ó ser misterioso!...

Onde nos vimos nós?... E's doutra esfera?
E's o ser que eu busquei do sul ao norte...
¿Por quem meu peito em sonhos desespera?...

Quem és tu? Quem és tu? — E's minha sorte!
¡E's talvez o ideal que est'alma espera!
E's a glória talvez! Talvez a morte!...

Santa Isabel — Agôsto de 1870.

(Espumas Fluctuantes.)

Digitized by Google

SE EU TE DISSESSE

Se eu te dissesse que scindindo os mares,
Triste, pendido sôbre a vitrea vaga,
Eu desfolhava de teu nome as pétalas
Ao falso vento, que as marés afaga...;

Se eu te dissesse que por êrmos cimos,
Por invios trilhos de um país distante,
Teu casto riso, teu olhar celeste
Ungia o lábio ao viajor errante;

Se eu te dissesse que, do albergue à ermida,
Do monte ao vale, da chapada à selva,
Junta comigo vagueou tua alma,
Junta comigo pernoitou na relva;

Se eu te dissesse que ao relento frio
Dei minha fronte à viração gemente,
E olhando o rumo de teu lar-saudoso
Molhei as trevas de meu pranto algente;

Digitized by Google

¡Se eu te dissesse, bela flor das salas!
¡Que eu dei teu nome dos sertões às flores!...,
E ousei, na trova, em que os pastores gemem,
Por ti, senhora, improvisar de amores;

Se eu te dissesse que tu foste a concha,
Que o peregrino traz da Terra-Santa,
Mago amuleto que no seio mora,
¡Doce reliquia... talismã, que encanta!...;

Se eu te dissesse que tu foste a rosa,
Que ornava a gorra ao menestrel divino;
Cruz que o Templário conchegava ao peito,
Quando nas naves reboava o hino;

¡Se eu te dissesse que tu és, criança!
O anjo-da-guarda, que me orvalha as preces...;
Se eu te dissesse...— Foi talvez mentira!—
Se eu te dissesse... Tu talvez dissesses!...

Santa Isabel, 15 de Agôsto de 1870.

(Hinos do Equador.)

Digitized by Google

O DERRADEIRO AMOR DE BYRON

Et, puisque tôt ou tard l'amour humain s'oublie,
Il est d'une grand'âme et d'un heureux destin
D'aspirer comme toi pour un amour divin!

ALF. DE MUSSET.

I

Num dêsses dias em que o Lorde errante,
Resvalando em cochins de sêda mole...
A laureada e pálida cabeça
Sentia-lhe embalar essa condessa,
Essa lânguida e bela Guiccioli...;

II

Nesse tempo feliz... Em que Ravena
Via cruzar o Child peregrino,
Dos templos êrmos pelo claustro frio...
Ou longas horas meditar sombrio
No túmulo de Dante — o Gibelino...

Digitized by Google

III

Quando aquela mão régia de Madona
Tomava aos ombros essa cruz ínsana...,
E do Giaour o lúgubre segrêdo,
E êsse crime indizível do Manfredo
Madornavam aos pés da Italiana...;

IV

Numa dessas manhãs... emquanto a moça,
Sorrindo-lhe dos beijos ao ressábio,
Cantava como uma ave ou uma criança...
Ela sentiu que um sorriso de esperança
Abria-lhe do amante lábio a lábio.

V

A esperança! A esperança no precito!
¡A esperança nesta alma agonizante!
E, mais lívida e branca do que a cera,
Ela disse a tremer: — «George, eu quisera
Saber qual seja... a vossa nova amante».

VI

— «Como o sabes?» — «Confessas?» — «Sim! Confesso...
— «E o seu nome.. » — «Qu'importa?» — «Fala Alteza!...
— «Que chama doida teu olhar espalha,»
«És ciumenta?...» — «¡Milorde, eu sou de Itália!»
— «Vingativa?...» — «Milorde, eu sou Princesa!...»

Digitized by Google

VII

— «¿Queres saber então qual seja o arcanjo
Que inda vem m'enlevar o ser corrupto?
O sonho que os cadáveres renova,
O amor que o Lázaro arrancou da cova,
O ideal de Satan?...» — «Eu vos escuto!»

VIII

— «Olhai, Signora... além dessas cortinas,
O que vêdes?» — «Eu vejo a imensidade!...»
— «E eu vejo a Grécia... e sôbre a plaga errante,
Uma virgem chorando...» — «É vossa amante?...»
— «Tu disseste-o, Condessa!... É a Liberdade!!!...»

Santa Isabel, 21 de Agôsto de 1870.

(Os Escravos.)

Digitized by Google

A TARDE

Era a hora em que a tarde se debruça
Lá da crista das serras mais remotas...
E d'araponga o canto, que soluça,
Acorda os ecos nas sombrias grôtas;
Quando sôbre a lagoa, que s'embuça,
Passa o bando selvagem das gaivotas...
E a onça sôbre as lapas salta urrando
Da cordilheira os visos abalando.

Era a hora em que os cardos rumorejam,
Como um abrir de bôcas inspiradas,
E os angicos as cômas espanejam
Pelos dedos das auras perfumadas...
A hora em que as gardénias, que se beijam,
São tímidas, medrosas desposadas;
¡E a pedra... a flor... as selvas... os condores
Gaguejam... falam... cantam seus amores!

Digitized by Google

Hora meiga da tarde! ¡Como és bela
Quando surges do azul da zona ardente!
— Tu és do céu a pálida donzela,
Que se banha nas termas do oriente...
Quando é gota do banho cada estrêla,
Que te rola da espádua refulgente...
E — prendendo-te a trança a meia-lua
¡Te enrolas em neblinas semi-nua!...

¡Eu amo-te, ó mimosa do infinito!
Tu me lembras o tempo em que era infante.
Inda adora-te o peito do precito
No meio do martírio excruciante;
E se não te dá mais da infância o grito,
Que menino elevava-te arrogante,
É que agora os martírios foram tantos,
¡Que mesmo para o riso só tem prantos!...

Mas não me esqueço nunca dos fraguedos
Onde infante selvagem me guiavas,
E os ninhos do *sofrer* que entre os silvedos
Da embaíba nos ramos me apontavas;
Nem mais tarde, dos lânguidos segredos
De amor do nenúfar que enamoravas...
¡E as tranças mulheris da granadilha!...
¡E os abraços fogosos da baunilha!...

Digitized by Google

E te amei tanto — cheia de harmonias,
A murmurar os cantos da serrana,
A lustrar o broquel das serranias,
A dourar dos rendeiros a cabana...
E te amei tanto — à flor das águas frias
Da lagoa agitando a verde cana,
Que sonhava morrer entre os palmares,
¡Fitando o céu ao tom dos teus cantares!...

Mas hoje, da procela aos estridores,
Sublime, desgrenhada sôbre o monte,
Eu quisera fitar-te entre os condores
Das nuvens arruivadas do horizonte ..
— Para então — do relâmpago aos livores,
Que descobrem do espaço a larga fronte,
Contemplando o infinito... na floresta,
¡¡Rolar ao som da funeral orquestra!!

(A Cachoeira de Paulo Afonso.)

Digitized by Google

A QUEIMADA

Meu nobre perdigueiro! vem comigo.
Vamos a sós, meu corajoso amigo,
Pelos êrmos vagar!
Vamos lá dos gerais, que o vento açouta
Dos verdes capinais n'agreste mouta
A perdiz levantar!...

Mas não!... Pousa a cabeça em meus joelhos...
Aqui, meu cão!... Já de listrões vermelhos
O céu se iluminou.
Eis súbito, da barra do ocidente,
Doido, rubro, veloz, incandescente,
O incêndio que acordou!

A floresta rugindo as cômas curva...
As àsas fôscas o gavião recurva,
Espantado a gritar.
O estampido estupendo das queimadas
Se enrola de quebradas em quebradas
Galopando no ar.

Digitized by Google

E a chama lavra qual jibóia informe,
Que no espaço vibrando a cauda enorme
Ferra os dentes no chão...
Nas rubras rôscas estortega as matas...
Que espadanam o sangue das cascatas
Do rôto coração!...

O incêndio — leão ruivo, ensangüentado,
A juba, a crina atira desgrenhado
Aos pampeiros dos céus!...
Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...
Queimado... retorcendo na hecatomba
Os braços para Deus.

A queimada! ¡A queimada é uma fornalha!
A hirara pula; o cascavel chocalha...
Raiva, espuma o tapir!
E às vezes sôbre o cume de um rochedo
A corça e o tigre — náufragos do mêdo —
Vão trémulos se unir!

Então se passa ali um drama augusto...
No último ramo do pau d'arco adusto
O jaguar se abrigou...
Mas rubro é o céu... Recresce o fogo em mares.
E após tombam as selvas seculares...
E tudo se acabou!

(A Cachoeira de Paulo Afonso.)

Digitized by Google

O NADADOR

Ei-lo que ao rio arroja-se;
As vagas bipartiram-se;
Mas rijas contraíram-se
Por sôbre o nadador...
Depois s'entreabre lúgubre
Um círculo simbólico...
É o riso diabólico.
Do pego zombador!

Mas não! Do abismo indómito
Surge-me um rosto pálido,
Como o Neptuno esquálido
Que amaina a crina ao mar;
Fita o batel longínquo
Na sombra do crepúsculo,
Rasga com férreo músculo
O rio par a par.

Digitized by Google

Vagas! Dalilas pérfidas!
Moças, ¡que abris um túmulo
Quando do amor no cúmulo
Fingis nos abraçar!
O nadador intrépido
Vos toca as têtas cérulas...
E após — zombando — as pérolas
Vos quebra do colar.

Vagas, curvai-vos tímidas!
Abri fileiras pávidas
Às mãos possantes, ávidas
Do nadador audaz,
Belo de fôrça olímpica
— Soltos cabelos úmidos —
Braços hercúleos, túmidos...
¡É o rei dos vendavais!

Mas ai! Lá ruge próxima
A correnteza hórrida,
Como da zona tórrida
A boicininga a urrar...
É lá que o rio indómito,
Como o corsel da Ucrânia,
Rincha a saltar de insânia,
Freme e se atira ao mar.

Digitized by Google

Tremeste? Não, ¿qu'importa-te
Da correnteza o estrídulo?
Se ao longe vês teu ídolo,
Ao longe irás também...
Salta à garupa úmida
Dêste corsel titânico...
— Novo Mazepa oceânico —
Além! Além! Além!

(A Cachoeira de Paulo Afonso.)

Digitized by Google

CREPÚSCULO SERTANEJO

A tarde morria! Nas águas barrentas
As sombras das margens deitavam-se longas;
Na esguia atalaia das árvores sêcas
Ouvia-se um triste chorar de arapongas.

A tarde morria! Dos ramos, das lascas,
Das pedras, do líquen, das heras, dos cardos,
As trevas rasteiras com o ventre por terra
Saíam, quais negros, cruéis leopardos.

A tarde morria! Mais funda nas águas
Lavava-se a galha do puro ingazeiro...
Ao fresco arrepio dos ventos cortantes
Em músico estalo rangia o coqueiro.

Sussurro profundo! Marulho gigante!
Talvez um silêncio!... Talvez uma orquestra...
Da fôlha, do cális, das àsas, do insecto...
Do átomo à estrêla... do verme — à floresta!...

Digitized by Google

As garças metiam o bico vermelho
Por baixo das asas — da brisa ao açoite;
E a terra na vaga de azul do infinito
¡ Cobria a cabeça co'as penas da noite!

Sómente por vezes, dos jungles das bordas
Dos golfos enormes daquela paragem,
Erguia a cabeça surprêso, inquieto,
Coberto de limos — um touro selvagem.

Então as marrecas, em tôrno boiando,
O vôo encurvavam medrosas, à toa...
O tímido bando pedindo outras praias
¡ Passava gritando por sôbre a canoa!...

. . . . . .

(A Cachoeira de Paulo Afonso.)

Digitized by Google

A CACHOEIRA

Mas súbito da noite no arrepio
Um mugido soturno rompe as trevas...
Titubeantes — no álveo do rio —
¡Tremem as lapas dos titães coevas!...
Que grito é êste sepulcral, bravio,
¿Que espanta as sombras ululantes, sevas?...
É o brado atroador da catadupa,
¡Do penhasco batendo na garupa!...

Quando no lôdo fértil das paragens
Onde o Paraguassú rola profundo,
O vermelho novilho nas pastagens
Come os caniços do torrão fecundo;
Inquieto êle aspira nas bafagens
Da negra suc'ruiuba o cheiro imundo...
Mas já tarde... silvando o monstro voa...
¡E o novilho preado os ares troa!

Digitized by Google

Então doido de dor, sânie babando,
Com a serpente no dorso parte o touro...
Aos bramidos os vales vão clamando,
Fogem as aves em sentido chôro...
Mas súbito ela às águas o arrastando
Contrai-se para o negro sorvedouro...
E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,
Quebra-o nas rôscas donde jorra o sangue.

Assim dir-se-ia que a caudal gigante
— Larga sucuruiuba do infinito —
Co'as escamas das ondas coruscante
¡Ferrara o negro touro de granito!...
Hórrido, insano, triste, lacerante,
Sobe do abismo um pavoroso grito...
E medonha a suar a rocha brava
¡As pontas negras na serpente crava!

Dilacerado o rio espadanando
Chama as águas da extrema do deserto...
Atropela-se, empina, espuma o bando...
E em massa rui no precipício aberto...
Das grutas nas cavernas estourando
O côro dos trovões travam concêrto...
E ao vê-lo as águias tontas, eriçadas,
Caem de horror no abismo estateladas...

Digitized by Google

A cachoeira! Paulo Afonso! O abismo!
¡ A briga colossal dos elementos!
As garras do Centauro em paroxismo
Raspando os flancos dos parcéis sangrentos.
Relutantes na dor do cataclismo
Os braços do gigante suarentos,
Aguentando a ranger (espanto! assombro!)
¡ O rio inteiro, que lhe cai no ombro!

Grupo enorme do fero Laocoonte
¡ Vira a Grécia acolá e a luta estranha!...
Do sacerdote o punho e a roxa fronte...
¡ E as serpentes de Ténedos em sanha!...
Por hidra — um rio! Por augure — um monte!
¡ Por aras de Minerva — uma montanha!
E em tôrno ao pedestal laçados, tredos,
Como filhos chorando-lhe — os penedos.

(A Cachoeira de Paulo Afonso.)

Digitized by Google

AVES DE ARRIBAÇÃO

Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pálidos compus.
Cercavam-me planícies sem beleza,
Pesava-me na fronte um céu sem luz.

Ergue êste ramo sôlto no caminho,
Sei que em teu seio asilo encontrará.
Só tu conheces o secreto espinho
¡ Que dentro d'alma me pungindo está !

FAGUNDES VARELA.

Aves, é primavera ! à rosa ! à rosa !

TOMÁS RIBEIRO.

I

Era o tempo em que as ágeis andorinhas
Consultam-se na beira dos telhados,
E inquietas conversam, perscrutando
Os pardos horizontes carregados...

Em que as rôlas e os verdes periquitos
Do fundo do sertão descem cantando...
Em que a tribu das aves peregrinas
¡ Os *Zingaros* do céu formam-se em bando !

Digitized by Google

Viajar! viajar! A brisa morna
Traz de outro clima os cheiros provocantes.
A primavera desafia as ásas,
¡Voam os passarinhos e os amantes!...

II

Um dia *Êles* chegaram. Sôbre a estrada
Abriram à tardinha as persianas;
E mais festiva a habitação sorria
Sob os festões das trémulas lianas.

Quem eram? Donde vinham? — Pouco importa
Quem fôssem da casinha os habitantes
— São noivos —: as mulheres murmuravam!
E os pássaros diziam: — São amantes —!

¡Eram vozes — que uniam-se co'as brisas!
¡Eram risos — que abriam-se co'as flores!
¡Eram mais dois clarões — na primavera!
¡Na festa universal — mais dois amores!

Astros! Falai daqueles olhos brandos.
Trepadeiras! Falai-lhe dos cabelos!
Ninhos d'aves! dizei, naquele seio,
Como era doce um pipilar d'anelos.

Sei que ali se ocultava a mocidade...
Que o idilio cantava noite e dia...
E a casa branca à beira do caminho
Era o asilo do amor e da poesia.

Digitized by Google

Quando a noite enrolava os descampados,
O monte, a selva, a choça do serrano,
Ouviam-se, alongando à paz dos êrmos,
Os sons doces, plangentes de um piano.

Depois suave, plena, harmoniosa
Uma voz de mulher se alevantava...
E o pássaro inclinava-se das ramas
E a estrêla do infinito se inclinava.

E a voz cantava o *tremolo* medroso
De uma ideal sentida *barcarola*...
Ou nos ombros da noite desfolhava
¡ As notas petulantes da Espanhola !

III

Às vezes, quando o sol nas matas virgens
A fogueira das tardes acendia,
E como a ave ferida ensangüentava
Os píncaros da longa serrania,

Um grupo destacava-se amoroso,
Tendo por tela a ópala do infinito,
Dupla estátua de amor e mocidade
Num pedestal de musgos e granito.

E em baixo o vale a descantar saudoso
¡ Na cantiga das moças lavadeiras !...
E o riacho a sonhar nas canas bravas,
E o vento a s'embalar nas trepadeiras.

Digitized by Google

Ó crepúsculos mortos! Voz dos êrmos!
Montes azúis! Sussurros da floresta!
¿Quando mais vós tereis tantos afectos
Vicejando convosco em vossa festa?...

E o sol poente inda lançava um raio
Do *caçador* na longa carabina...
E sôbre a fronte d'*Ela* por diadema
Nascia ao longe a estrêla vespertina.

IV

É noite! Treme a lâmpada medrosa
Velando a longa noite do *poeta*...
Além, sob as cortinas transparentes
Ela dorme... formosa Julieta!

Entram pela janela quási aberta
Da meia noite os preguiçosos ventos
E a lua beija o seio alvinitente
— Flor que abrira das noites aos relentos.

O Poeta trabalha!... A fronte pálida
Guarda talvez fatídica tristeza...
Que importa? A inspiração lhe acende o verso
Tendo por musa — ¡o amor e a natureza!

E como o cacto desabrocha a mêdo
Das noites tropicais na mansa calma,
A estrofe entreabre a pétala mimosa
Perfumada da essência de sua alma.

Digitized by Google

No emtanto *Elà* desperta... num sorriso
Ensaia um beijo que perfuma a brisa...
... A Casta-diva apaga-se nos montes...
Luar de amor! acorda-te, Adalgiza!

V

Hoje a casinha já não abre à tarde
Sôbre a estrada as alegres persianas.
Os ninhos desabaram... no abandôno
Murcharam-se as grinaldas de lianas.

¿Que é feito do viver daqueles tempos?
¿Onde estão da casinha os habitantes?
... A Primavera, que arrebata as àsas...
¡Levou-lhe os passarinhos e os amantes!...

Curralinho, 1870.

(Espumas Flutuantes.)

Digitized by Google

UMA PÁGINA DE ESCOLA REALISTA

DRAMA CÓMICO EM QUATRO PALAVRAS

A tragédia me faz rir, a comédia me faz chorar.
E o drama? Nem rir, nem chorar...

(Pensamento de CARNIOLI.)

SCENARIO

A alcova é fria e pequena
Abrindo sôbre um jardim.
A tarde frouxa e serena
Já desmaia para o fim.
No centro de um leito fechado
Deixa o longo cortinado
Sôbre o tapête rolar...
Há, nas jarras deslumbrantes,
Camélias frias, brilhantes,
Lembrando a neve polar.
Livros esparsos por terra,
Uma harpa caída além;
E essa tristeza, que encerra
O asilo, onde sofre alguêm.
Fitas, máscaras e flores
Não sei que vagos odores

Digitized by Google

Falam de amor e prazer.
Além da frouxa penumbra
Um vulto incerto ressumbra
— O vulto de uma mulher.

Vous, qui volez, là-bas, legères hirondelles
Dites-moi, dites-moi, pourquoi vais-je mourir.

MUSSET.

MÁRIO *no leito.*

É tarde! é tarde! Abri-me estas cortinas
¡Deixai que a luz me acaricie a fronte!...
Ó sol, ó noivo das regiões divinas,
¡Suspende um pouco a luz neste horizonte!

SÍLVIA *abrindo a janela.*

Da noite o frio vento te regela
O mórbido suor...

MÁRIO.

Oh! que importa?
A tarde doura-me o suor da fronte...
— ¡Último louro desta vida morta!
Crepúsc'lo! mocidade! natureza!
Inundai de fulgor meu dia extremo...
Quero banhar-me em vagas de harmonia,
¡Como no lago se mergulha o remo!

Digitized by Google

¡E que amores que sonham as esferas!
A brisa é de volúpia um calafrio.
A estrêla sai das fôlhas do infinito,
Sai dos musgos o verme luzidio...

Tudo que vive, que palpita e sente
Chama o par amoroso para a sombra,
O pombo arrula — preparando o ninho;
A abelha zumbe — preparando a alfombra.

As trevas rolam como as tranças negras,
Que a Andaluza desmancha em mago enleio;
E entre rendas subtis surge medrosa
A lua plena, qual moreno seio.

Abre-se o ninho... o cálice... o regaço...
Anfitrite, corando, aguarda o noivo...

Longa pausa.

E tu também esperas teu espôso,
Ó morte! ¡ó moça, que engrinalda o goivo!

SÍLVIA *à meia voz, acompanhando-se na guitarra.*

Dizem as moças galantes
Que as rôlas são tão constantes...
Pois será?
Que morrendo-lhe os amantes,
Morrem de fome, arquejantes,
Quem dirá?

Digitized by Google

Dizem lábios arrogantes
Que nestas terras distantes,
. Não por cá,
Sôbre piras fumegantes
Morrem viúvas constantes,
Pois será?

Não creio nos navegantes
Nem nas histórias galantes,
Que há por lá.
Fome e fogueiras brilhantes
Cá não há...
Mas inda morrem amantes
De saudades lacerantes
Quem dirá?

Aos últimos harpejos cai-lhe uma lágrima.

MÁRIO *vendo-a chorar.*

Sílvia! Deixa rolar sôbre a guitarra,
¡Da lágrima a harmonia peregrina!
Sílvia! ¡cantando — és a mulher formosa!
Sílvia! ¡chorando — és a mulher divina!

Oh! lágrimas e pérolas! — aljôfares
Que rebentais no interno cataclismo,
¡Do oceano — êste dédalo insondável!
¡Do coração — êste profundo abismo!

Digitized by Google

Sílvia! dá-me a beber a gota d'água,
Nessa pálpebra roxa como o lírio...
Como lambe a gazela o brando orvalho
Nas largas fôlhas do deserto assírio.

E quando est'alma desdobrando as àsas
Entrar do céu na região serena,
¡Como uma estrêla eu levarei nos dedos
Teu pranto sideral, ó Madalena!...

SÍLVIA *tem-se ajoelhado aos pés do leito.*

Meus prantos sirvam apenas
P'ra umedecer teus cabelos,
¡Como da corça nos velos
Fresco orvalho a resvalar!
P'ra molhar a flor, que aspires
Rolem prantos de meus olhos,
¡P'ra atravessar os escolhos
Meus prantos manda rolar!...

Meus prantos sirvam apenas
P'ra a terra, em que tu pisares,
P'ra a sêde, em que te abrasares,
Terás meu sangue, Senhor!
Meus prantos são óleo humilde
Que eu derramo a tuas plantas...

Mário estende-lhe os braços.

¡Mas se acaso me levantas
Meus prantos dizem-te amor!...

Digitized by Google

MÁRIO *tendo-a contra o seio.*

Sentir que a vida vai fugindo aos poucos
Como a luz, que desmaia no ocidente...
E boiar sôbre as ondas do sepulcro,
Como Ofélia nas águas da corrente...

Sentir o sangue espadanar no peito
— Licor de morte — sôbre a bôca fria,
E meu lábio enxugar nos teus cabelos,
Como Rola nas tranças de Maria,

De teus braços fazer o diadema
De minha vida, que desmaia insana,
Esquecer o passado em teu regaço,
Como Byron aos pés da Italiana;

Em teu lábio molhado e perfumoso
O licor entornar de minha vida...
Escutar-te nas vascas da agonia,
¡Como Fausto as canções de Margarida!...

Eis como eu quero — na embriaguez da morte —
Do banquete no chão pender a fronte...
Inda a taça empunhando de teus beijos
¡Sob as rosas gentis de Anacreonte!...

A noite tem descido pouco a pouco, o luar penetrando pela alcova alumia o grupo dos amantes.

Digitized by Google

SÍLVIA.

Que palidez, meu poeta,
¡Se estende na face tua!...

MÁRIO.

São os raios descorados,
¡Os alvos raios da lua!

SÍLVIA.

Mas um suor de agonia
Teu peito ardente tressua...

MÁRIO.

São os orvalhos, que descem
Ao frio clarão da lua.

SÍLVIA.

Que mancha é esta sangrenta,
¿Que no teu lábio flutua?

MÁRIO.

São as sombras de uma nuvem,
¡Que tolda a face da lua!

Digitized by Google

SÍLVIA.

¡Como teus dedos esfriam
Sôbre minha espádua nua!...

MÁRIO *distraído.*

¿Não vês um anjo, que desce,
No frouxo clarão da lua?...

SÍLVIA.

Mário? ¿Não vês quem te chama?...
Tua amante... Sílvia... a tua...

MÁRIO *desmaiando.*

¡É a morte que me leva
Num frio raio da lua!...

O poeta cai semi-morto sôbre o leito. No espasmo sua mão contraída prende uma trança da moça.

SÍLVIA.

Teus brancos dedos fecharam
De meu cabelo a madeixa,
Tua amante não se queixa...
Bem vês... cativa ficou
Mas não se prende o desejo
¡Que n'alma acaso se aninha!...
Nunca vistes a andorinha,
¿Que alegre o fio quebrou?

Digitized by Google

Ouve-se um relógio dar horas.

Já! tão tarde! E embalde tento
Abrir-te os dedos fechados,
Como frios cadeados,
Que o teu amor me lançou.
Porêm se aqui me cativas
Minh'alma foge-te asinha...
Nunca vistes a andorinha,
¡Que alegre o fio quebrou!...

Debruça-se a escrever numa carteira.

«Paulo! Vem à meia-noite...
Mário morre! Mário expira!
Vem que minh'alma delira
E embalde cativa estou...»

MÁRIO *que tem lido por cima de seu ombro.*

Silvia! a morte abre-me os dedos
És livre, Silvia... caminha!

Morrendo.

Minh'alma é como a andorinha,
Que alegre o fio quebrou.

Digitized by Google

DEUSA INCRUENTA

A IMPRENSA

Ao Grémio Literário

ANTÍTESE À — TERRIBILIS DEA

Quando Ela se alteou das brumas da Alemanha,
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na dextra suspendendo a estrêla da manhã...
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes ..
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,
Das cimas do Perú — às grimpas do Indostan.

¡ Tinha na mão brilhante a trompa bronzeada !
¡ Vestia o longo véu da vestal inspirada !
Era Palas talvez !... talvez um serafim !
¡ O albor de Beatriz no imaginar do Dante !
¡ O olhar da Pitonisa em trípode gigante !
Do mundo — Anjo da guarda ! enorme querubim !

Digitized by Google

Ergueu-se!... Olhou de roda os plainos do universo...
No peito das nações seu braço longo imerso,
¡ Palpou-lhe o estrepitar do estoso coração!...
Génio e santa!... a mulher um grito ergueu profundo,
Abriu braços de mãe, p'ra acalentar o mundo,
Àsas de serafim — p'ra abrigar a amplidão.

Rugiram de terror ao ver-lhe o rir sublime
O satrapa, o chacal, a tirania, o crime...
¡ O abutre, o antro, o mocho, o êrro, a escravidão!
Disse a gruta p'ra o céu: — ¿¡ Que deusa é esta ingente?!
O espaço respondeu: — ¡ É a diva do Ocidente!...
A consciência do mundo! o Eu da Criação! —

¡ E quando Ela surgiu... — os pólos se abraçaram!
¡ O Zenith e o Nadir — surpresos se escutaram!
¡ O Norte — ouviu chorando o soluçar do — Sul!
O abafado estertor do servo miserando
Da deusa no clarim gigante reboando,
Clamou da terra verde — ao firmamento azul!...

Uma noite... no chão da Grécia peregrina
A deusa ajoelhou... da poeira divina
¡ O fantasma de Homero então viram surgir!
— Ainda viajar! — diz o velho em assombro...
— Quem és? — Eu sou teu guia... encosta-te a meu ombro
— Então levas-me longe? — Eu levo-te ao porvir.

Digitized by Google

No Forum colossal da sempiterna Roma
De Cicero a figura apaixonada assoma,
E de novo retumba o verbo atroador...
Tem hoje por tribuna imensa — a Eternidade,
Por Forum — o Universo! É plebe — a Humanidade!
¡ A seus pés — as nações! os séculos — em redor.

Quando a Bastilha vil tremia desraigada,
E da mole ao sopé soava a martelada,
A catapulta humana, a voz de Mirabeau...
Quando aquele ideal! — Quasimodo do abismo,
Se agitava a ulular dos reis no cataclismo,
¡ Sineiro que o rebate aos séculos tocou!... —

Eriçado, feroz, suado, monstruoso,
Magnífico de horror, divino, proceloso...
¡ A deusa se atirou nos braços do titão!
Mas sentindo que o deus inteiriçado tomba...
Dos tronos co'a madeira — arvora-lhe a hecatomba,
¡ Co'as púrpuras dos reis — acende-lhe um clarão!

Seguiu do Child errante o iate aventureiro...
Beijou-lhe a palidez ao lorde forasteiro
¡ De Veneza, a lasciva — à lânguida Stambul!
E quando o Lara — inglês expira, o *Pajem louro*
É ela!... E fala... e aponta o firmamento d'ouro.
¡ Gulnar lembra a Conrado o seu país d'azul!...

Digitized by Google

Quando a Polónia casta — essa Lucrécia nova,
Para fugir a um leito, arroja-se a uma cova...
E mata-se de nojo... aos beijos de um czar...
Uma actriz funeral surge no negro palco,
Tira à chaga o punhal... descobre o catafalco...
E deixa sôbre a Europa... o ferro gotejar...

— Amazona sombria — Ela arrebata o Goëthe
Na garupa a fumar do tártaro ginete,
¡Pela noite hibernal dos séculos ao sabbat!...
Anjo às vezes, no céu fatídico revoa,
A buzina de cobre os longos ares troa...
¡Ergue-se a meio o chão do escuro Josaphat!...

Salvè, deusa incruenta! imensa divindade!
Barqueira dêsse mar chamado — a Eternidade —
Que às margens do Cocyto embarcas os heróis...
Em prol da humanidade a Deus levas o grito...
¡Tens os joelhos — na terra! a bôca no infinito!
¡A meia-lua — aos pés! na cabeleira — os sóis...

Quando Ela se alteou das brumas da Alemanha,
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na dextra suspendendo a estrêla da manhã...
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,
¡Das cimas do Perù — às grimpas do Indostan!...

.....

14 de Outubro de 1870.

(Hinos do Equador.)

Digitized by Google

NO MEETING DO COMITÉ DU PAIN (1)

Já que a terra estacou n'órbita imensa,
Já que tudo mentiu — a glória! a crença!
A liberdade! a cruz!
E o Sisifo dos séculos — assombrado —
Viu rolar-lhe do dorso ensangüentado
O *rochedo* de luz...

Já que o amor transmudou-se em ódio acerbo,
Que a eloqüência — é o canhão, a bala — o verbo,
O ideal — o horror!
E nos fastos do século os tiranos
Traçam com a ferradura dos ulanos
O ciclo do terror;

Já que igual ao florete de Genaro,
Um sabre arranca do presente ignaro
Êste letreiro — Luz —;
Já que a glória recua (cousa horrenda!)
E Atila vai de Washington na senda,
E Siva após Jesus;

---

(1) Para recolher socorros aos órfãos franceses da Guerra de 1870.

Digitized by Google

Já que a Rousseau sucede Machiavelo,
Já que a Europa de altar fez-se escabelo,
Da guerra meretriz;
Já que o sonho de Canning era falso,
Já que após abolir-se o cadafalso,
Crucificam Paris;

Já que é mentira a voz da — Humanidade,
Já que riscam da Bíblia a Caridade,
E d'alma o coração ..
E a noite da descrença desce feia,
E tropeçando em ossos cambaleia
Dos povos a razão!...

.....

Filhos do Novo Mundo! ergamos nós um grito
Que abafe dos canhões o horrísono rugir,
Em frente do oceano! em frente do infinito!
Em nome do progresso! em nome do porvir!

Não deixemos, Hebreus, que a dextra dos tiranos
Manche a Arca ideal das nossas ilusões.
A herança de suor, vertida em dois mil anos,
¡Há de intacta chegar às novas gerações!

Nós que somos a raça eleita do futuro,
O filho que o Senhor amou, qual Benjamim,
Que faremos de nós... se é tudo falso, impuro,
¡Se é mentira o progresso! ¿e o êrro não tem fim?

Digitized by Google

Não! ¡clamemos bem alto à Europa, o globo inteiro!
¡ Gritemos — liberdade — em face da opressão!
¡ Ao tirano dizei — Tu és um carniceiro!
¡ És o crime de bronze — escreva-se ao canhão!

¡ Falemos de Justiça — em frente à Mortandade!
¡ Falemos de Direito — ao gládio que reluz!
¡ Se êles dizem — Rancor — dizei — Fraternidade!
¡ Se erguem a Meia-lua, ergamos nós a Cruz!

Digamos à criança — ¡ O Mestre ama esta idade! —
Digamos à velhice — Honra às vossas cãs! —
Digamos à Miséria, à Fome e à Orfandade:
— É vosso o nosso lar... vós sois nossas irmãs.

Digamos a Strasburgo — Mereces do Universo...
Digamos... Não! Silêncio! em frente de Paris...
O Amazonas que leve o nosso pranto imerso
À glória das Vestais! à herdeira das Judiths.

.....

Ó França! ¡deste a luz, que de teu ser jorrava!
O França! acolhe agora em recompensa o pão;
O Cristo no deserto os pães multiplicava,
¡ Faça agora o milagre, ó França, o coração!

E se acaso alta noite, em noite de invernada,
Emquanto no horizonte a chama lambe o ar,
Uma débil criança, esquálida e gelada,
Por ti, Pátria, encontrar abrigo, pão e lar...

Digitized by Google

Quando aquele inocente a sós no campo escuro
Abençoar de longe os brasileiros céus...
Sabe que êsse menino — ¡ é o símbolo do futuro !
E aquela frágil mão... ¡ oculta a mão de Deus ! ...

9 de Fevereiro de 1871.

(Hinos do Equador.)

Digitized by Google

DURANTE UM TEMPORAL

Vai funda a tempestade no infinito
Ruge o ciclone túmido e feroz...
Uiva a jaula dos tigres da procela.
— Eu sonho tua voz —

Cruzam as nuvens refulgentes negras
Na mão do vento em desgrenhados elos...
Eu vejo sôbre a sêda do corpete
Teus lúbricos cabelos...

Do relâmpago a luz rasga até o fundo
Os abismos intérminos do ar...
Eu sondo o firmamento de tua alma
À luz de teu olhar...

Sôbre o peito das vagas arquejantes
Borrifa a espuma em ósculos o espaço...
Eu — penso ver arfando, alvinitentes,
As rendas no regaço.

Digitized by Google

A terra treme... As fôlhas descaídas
Rangem ao choque rijo do granizo
Como acalenta um coração aflito,
¡Como é bom, teu sorriso!...

Que importa o vendaval, a noite, os euros,
Os trovões predizendo o cataclismo...
Se em ti pensando some-se o universo,
E em ti sómente eu scismo...

Tu és a minha vida... o ar que aspiro...
Não há tormentas quando estás em calma.
Para mim só há raios em teus olhos
Procelas em tua alma!

2 de Março de 1871.

(Hinos do Equador.)

Digitized by Google

CONSUELO

Oh! Consuelo de mi alma

(SAND.)

A D. Agnèse Murri

I

¿Nunca lêste — *Consuelo,* a página fulgente
Que George Sand, a loura, encheu de encanto e luz?
Êste sonho, onde o céu da terra passa rente,
¿Onde o amor, a harmonia e a graça brincam nus?...

Vem! dá-me a tua mão! voemos a Sorrento!
Por barco a fantasia... Por fâmula — teu véu!
Seja o cabelo negro — a vela sôlta ao vento...
Vem comigo sonhar a Itália, a noite, o céu...

A Itália! a Itália santa! a pátria peregrina...
¡Do artista e do poeta! o mágico país!
Onde na terra o amor chamou-se — Fornarina,
¡Lá onde o amor no céu chamou-se — Beatriz!

Digitized by Google

Terra que deu à luz a cavatina e a dália,
A espádua de alabastro e o laranjal em flor;
Onde o sôpro da noite em pleno céu espalha
As lavas do Vesúvio e as explosões do amor.

.....

Vem comigo, Formosa! A sombra vai profunda...
Dos astros o cardume a trecho aclara o mar.
O tardo gondoleiro o remo n'água afunda...
¡Veneza — o cisne eterno — engolfa-se a sonhar!

Do nicho da Madona o frouxo alampadário
Dos Doges alumia o lúgubre frontal.
Silêncio... Quebra a paz a voz do estradivário
E uma gôndola passa em águas do canal...

Dentro: o grupo do amor! Fusão de primaveras;
Dois risos soletrando o verbo do beijar;
Ventura — que produz a inveja das esferas
E que faz de ciúme aos anjos descorar.

¡O crente — ao pé da santa! o riso — junto à bôca,
Um anelar — sem têrmo! um fulgurar — sem fim!
Ela... bela! a fazer a terra inteira louca...
¡Alma feita de um astro! o corpo... de um jasmim.

Ó divina Consuelo! A vaga de Adriático
Fez-te nascer, talvez, de um beijo dado ao sol;
A espuma foi teu berço, Alcione simpático,
Tens por irmãos — o cisne, o amor e o rouxinol.

Digitized by Google

O amor, que açula o riso-ao lábio da Francesa,
Que dá filtros fatais à filha de Madrid,
Que mais lânguida torna a pensativa Inglesa...
A Grega mais audaz! mais indolente a Huri!

O amor na Italiana estala em harmonia...
Sobe ao lábio tremente... espalha-se no céu...
Amor não é palavra... amor é melodia...
Não há música assim como dizer — «Sou teu!»

E o seio que palpita a rebentar a sêda...
E a garganta do cisne a desmaiar o alvor...
E a trança a descair... e a mão que a trança arreda...
Anzoleto a seus pés... as trevas em redor...

A divina Consuelo em frente à noite imensa,
No gesto dominando as fúrias do escarcéu,
Na voz clara, sonora, ardente, larga, extensa,
— Escada de Jacob — ¡ prendia a terra ao Céu!...

II

¿Horas de amor, porque voais tão cedo?
¿Êxtasis santos, porque assim passais?
Plantam-se risos no fatal rochedo...
¡ Vinga a seara dos sombrios ais!

Um dia, a fronte já não surge vivida...
Aperta o seio em desespêro a mão...
— Que foi? pregunta-se à criança lívida,
Ai! não respondas, Consuelo, não!

Digitized by Google

Apanha a essência destas fundas mágoas,
Concentra o fogo nos teus seios nus;
Na gruta — mudam-se em cristal as águas,
No abismo — a lava se transforma em luz.

¡ Palor e pranto, desespêro e chôro !
¡ Como no génio esta coroa diz !...
Desta cicuta vais fazer um louro...
Caiste mártir ! e te ergueste... actriz !

III

Passou pela terra tão casta e nitente,
Qual raio de lua que bate no gêlo.
O Sanzio invejara-lhe a fronte inocente,
¡ Por isso chamavam-n'a
A pura Consuelo !

E tinha nos olhos fulgor de meteoros,
Prendia a procela no escuro cabelo.
Da aurora lavada nos pálidos raios,
¡ A musa da Itália
Tu eras, Consuelo !

Cantava ! Sua alma saía-lhe em notas...
Mistério ! Milagre... Quem pode sabê-lo ?
As ninfas outrora mudavam-se em flores;
¡ Em lira tornara-se
A triste Consuelo !

Digitized by Google

Cruzavam-lhe o canto sussurros de arcanjo,
Suspiros de Laura, delírios de Otelo...
Se os raios da lua de sons se fizessem,
¡Talvez que lembrassem
A voz de Consuelo!

Mas ai! que não acha na estrofe o poeta
Lampejo de um génio tão fúlgido e belo;
¿Que versos te espelham, ó flor de Veneza?
¿Quem pode lembrar-te,
Divina Consuelo?

Só vós, bela Diva! Da música aos trenos,
Meu pálido sonho podeis aquecê-lo;
Afogue-se a musa nas árias brilhantes...
E se inda tu queres
Sonhar, ó Consuelo...

Com as mãos no piano, com os olhos no espaço,
Frementes os seios, revôlto o cabelo...
Num mar de harmonias me leva a Sorrento...
Desperta-me à Itália!
Revive, Consuelo!

S. Salvador, 20 de Março de 1871.

(Hinos do Equador.)

Digitized by Google

A VIRGEM DOS ÚLTIMOS AMORES

SCENA ÚNICA

É noite. A scena representa uma floresta americana. Longe os fogos sangrentos da tríbu. Perto os guerreiros que rondam ao clarão do luar. O prisioneiro espera a noiva final.

Por detrás daquele oiteiro
¡ A morte espera a manhã !
É a morte do guerreiro,
¡ Do bravo que não recua !...
Geme ao longe a mãe — da — lua
Responde perto a cauan...

¡ Nas sombras passa uma sombra !...
Balançaram nos cipós !...
Pé de moça pisa a alfombra...
Da cova enfeitam-lhe as flores.
Flor dos últimos amores !
¡ Traz o beijo dos heróis !

Da lua a teia amarela
Estende as malhas de luz...
Na riba o caboc'lo vela
Ao rubro fogo da taba...
Aqui a murta desaba
Mulher ! nos teus peitos nus !

Digitized by Google

A lagoa se debruça
P'ra cair no ribeirão...
¿E minha mãe quem soluça?
Não sabes, filha estrangeira,
Tens a trança da palmeira...
Palmeira do coração!

Foi de *jasmins amarelos*
Que trançaste o *kanitar!*...
Criança, eu morro de anelos
Dá-me beijo sôbre beijo...
¡Tenho um século — por desejo!
¡E uma noite — por amar!

Amanhã todo êste fogo
A morte vai apagar,
Arranca-me est'alma logo...
— Amai! — a noite nos clama
— Emquanto houver uma flama!
¡Um grito, um sôpro, um olhar!

Teu sangue ardente galopa
Na fronte morna a bater,
Teu lábio meu lábio ensopa...
Moça! que mel nestes lábios...
São das abelhas ressábios?
São ressábios do morrer?

Digitized by Google

Pois eu já vi mil gentias
Chorar nestes braços meus,
Aquelas frutas bravias
Não são frutas que embriagam,
Teus dedos quando me afagam
Parecem dedos dos céus...

Existe uma flor na mata
Que aparece à noite só:
Abre as pétalas de prata,
Se espaneja, se colora...
Mas, aos fulgores da aurora
Murcha, expira, faz-se em pó.

Chama-se... o nome que importa?
Lembro agora um sonho meu:
... Uma águia tombava morta
Das nuvens... na correnteza...
Nas garras tinha uma prêsa
Rolando viva... Era eu!

¿Porque derrubas as gotas
Do cacho do ouricuri?
¿São tuas missangas rôtas
Que rolam na minha frente?
Teu colar estava quente...
As contas quentes senti!

Digitized by Google

Bem sabes! Se o filho expira,
A mãe, que triste o perdeu,
Na selva o berço lhe estira
Entre a flor, a brisa, a palma ..
Quando eu morrer, prende est'alma
Aqui, no cabelo teu!

Minha noiva derradeira,
¡És bela e triste ao luar!
Eu fui a garça altaneira
Cruzando as tardes vermelhas ..
Dos arcos das sobrancelhas
Porque frechaste um olhar?

Cai! Cai nos teus braços,
Bela filha de Tupá!
São serpentes teus abraços,
¡Mas são serpentes que beijam!...
São lianas que festejam
Os galhos do piquiá.

Já, mais fria a serenada
Resvala pelos bambus...
Os ventos da madrugada
Vem da pátria, vem do norte...
¿Não ouves, falando em morte?
... ¡Eu amo os teus ombros nus!

Digitized by Google

Teus ombros... ¡¿Mas ficas branca
Vendo o céu embranquecer!?
É a alvorada que espanca
Os mochos e d'entre as flores,
Aos pombos arruladores
Manda cantar... Vou morrer!

Vem! Os astros emmurchecem...
Só resta um dêles nos céus.
Seus raios grandes parecem
As pétalas da magnólia...
E a estrêla que se esfolha
Quando a noite diz adeus.

Fita os olhos nela... um beijo...
¡Um beijo... antes do arrebol!...
Inda brilha... inda um desejo...
Eia! Ao raio derradeiro!...

.....
Adeus! noiva do guerreiro!
Salvè, ó morte! Salvè, ó sol!!!

S. Salvador, 25 de Maio de 1871.

(Hinos do Equador.)

Digitized by Google

A MINHA IRMÃ ADELAIDE

Quando sòsinho e triste... em horas de amargura,
Tu sentes de meu seio, a tempestade escura
¡ As àsas encurvar, no fúnebre oceano !...
¡ Quando a esponja de fel embebe-me a lembrança !...
... ¡ Levantas-te de leve, ó limpida criança !
E deixas tuas mãos correrem no piano...

Tu' alma terna e meiga inclina-se inquieta
No abismo funeral das mágoas do poeta,
¡ E sonda aquele pego... e rasga aquele arcano !
Após, Nesse arquejar da vida, que me pesa,
¡ Ouço, longe, uma voz que no infinito reza !...
Na terra um soluçar choroso... É teu piano !

Quando no desviver das horas de atonia,
Das noites tropicais na morna calmaria
Da mocidade o canto arrojo ao vento — insano,
¡ E perto de morrer, o amor anseio ainda !...
¿ Que mulher me soletra essa harmonia infinda ?
É sua a mão qu' empresta um' alma ao teu piano...

Digitized by Google

E emquanto a flor rebenta à face da lagoa...
E a lua vagabunda o céu percorre à toa,
Mirando na corrente o seio leviano,...
¡Inda a terra m' inspira um sonho de ternura!...
... O génio da desgraça, o génio da *loucura*,
Tu sabes, qual *David*, curar no teu piano.

Criança! que não vês como é sublime e santo
Fazer irmãos no amor e cúmplices no pranto
¡Mozart, o homem do Norte, e Verdi, o Italiano!
¡Despertar ao relento o idilio de Bellini!
Fazer dançar Sevilha, ao toque de Rossini...
¡E o bolero estalar... nas teclas do piano!

Ai! toca! No meu ser acorda ainda um estro
À voz de Gottchalck — o esplêndido maestro —
¡Aos lampejos de luz — do Moço Paulistano —!
Ai!... toca! ¡Enche de sons o derradeiro dia
Daquele que só tem... por sonho — uma harmonia!
¡Por única riqueza... a ti... e ao teu piano!

S. Salvador, 29 de Maio de 1871.

(Hinos do Equador.)

Digitized by Google

AQUELA MÃO!

Pálidos versos a um primor divino

* * *

Era um'a mão de luxo... era um brinquedo
Mão tão bonita que metera mêdo
¡Se não fôsse, meu Deus! tão meiga e franca!
Mão p'ra se encher de gemas e brilhantes,
De suspiros, de anelos palpitantes...
Mas p'ra estalar as jóias e os amantes...
Aquela mão tão branca!

¡Era um'a mão fidalga, exígua, escassa!
Mão de duquesa! Era um'a Mão de raça,
¡De sangue azul, em veios de Carrara!
Alva, tão alva que vencia a idea
¡Das neblinas, dos gelos e da garça!...
Amassada no leite de Amalteia
Aquela mão tão rara!

¡Tinha um gesto de musa! Mão que voa,
Que do piano na ideal lagoa,
¡As àsas banha em rapidez não vista!...
Como a andorinha que se arroja à toa,
¡Cruzando em beijos a extensão das teclas!
Acendendo no seio a luz dos Eclas...
Aquela mão de artista!

Digitized by Google

Mão de criança! Era um'a mão de arminhos
Tendo essas *covas,* êsses alvos ninhos,
¡ De aves que a terra desconhece ainda!
Lembrando as conchas dos parcéis marinhos,
A polpa branca dos nascentes lírios...
Covas... ¡ porque se enterram mil delírios
Naquela mão tão linda!

No teatro uma noite, casta, esquiva,
Na luva de pelica a mão cativa,
Recordava um eclipse de lua...
Mas um momento após, deixando o guante,
Vi salvar-se da espuma, rutilante,
¡ Como Vénus despida e palpitante
Aquela mão tão nua!

Era uma régia mão! Que largas vezes
Sonhei torneios, morriões, arneses,
Bravos ginetes de nevada crina,
Justas feridas entre mil revezes,
Da média idade a sanguinosa palma,...
Só p'ra o louro! atirar... e a lança e a alma
Aquela mão tão fina!

Uma noite sonhei que, em minha vida,
Deus acendia a *estrêla* prometida,
Que leva os *Reis* ao trilho da ventura;
Mas, quando, ao longo da poenta estrada,
O suor me escorria d'amargura...
¡ Passava em meus cabelos perfumados
Aquela mão tão pura!

Digitized by Google

Era um'a mão que iluminara um scetro...
Mão que ensinava *d'harmonia* o metro
¡ Às *esferas* de luz que o dia encobre!...
Tão santa, que uma pérola indiscreta
Talvez toldasse esta nudez tão nobre...
Vazia... ¡ Era a riqueza do Poeta
Aquela mão tão pobre!

¡ Era um'a mão que provocava o roubo!
¡ Era um'a mão para conter a globo!
¡ Tinha a luz que arrebata, a luz que encanta!
¡ Fôra o génio de Sócrates o Grego!
¡ Domara em Roma os cônsules e o lobo!
¡ Mão que em trevas buscara Homero cego
Aquela mão tão santa!

S. Salvador, 2 de Junho de 1871.

(Hinos do Equador.)

Digitized by Google

REZAS

Na hora em que a terra dorme,
Enrolada em frios vêus,
Eu ouço uma reza enorme
Enchendo o abismo dos céus.

Acendem-se os bentos cirios
Dos vagalumes subtis...
— Avè! — murmuram os lirios!
— Avè! — dizem os covis!

Nos boqueirões há soluços...
Tem remorso o vendaval...
O mar se atira de bruços,
Co'as barbas pelo areal.

As nuvens, ajoelhadas
Nos claustros êrmos e vãos,
Passam as contas douradas
Das estrêlas — pelas mãos...

Digitized by Google

A açucena, por criança,
¡ Junta os dedos, reza e ri !
A palmeira larga a trança,
Reza nua como a huri.

Pelo sipós solitário
Gota a gota o orvalho cai...
Como as bagas do rosário
¡ Da filha que chora o pai !

A ventania, que emboca
Pela serra colossal,
É organista que toca
Nos sifões da catedral.

¡ Que fanatismos divinos
Nas lapas do campo alvar!
¡ Da onça os olhos felinos
Dizem rezas... ao luar!

Há luzes fosforescentes
Acesas pelos marnéis...
São as larvas penitentes
Rezando pelos fiéis.

Monstro e anjo a noite grupa
No pedestal da oração...
¿ Quem sabe se a catadupa
Bate nos peitos do chão?

Digitized by Google

Reza tudo que tem bôca
Cheio de graça ou terror...
O ninho — junto da toca,
¡ A cratera ao pé da flor!

Só, emquanto a reza enorme
Reboa pela amplidão,
Como Loth — ¡ o Homem dorme
No colo da Criação!

S. Salvador, 5 de Junho de 1871.

(Hinos do Equador.)

Digitized by Google

ADEUS, MEU CANTO!

I

Adeus, meu canto! É a hora da partida...
O oceano do povo se encapela.
Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procela.

O inverno envolto em mantos de geada
Cresta a rosa de amor, que além se erguera...
Ave de arribação, voa, anuncia
Da liberdade a santa primavera.

E' preciso partir; aos horizontes
Mandar o grito errante da vedeta.
Ergue-te, oh luz! — Estrêla para o povo,
— Para os tiranos lúgubre cometa.

Adeus, meu canto! Na revôlta praça
Ruge o clarim tremendo da batalha.
Águia — talvez as asas te espedacem —
Bandeira — talvez rasgue-te a metralha.

Digitized by Google

Mas não importa a ti, que no banquete
O manto sibarita não trajaste;
Que, se louros não tens na altiva fronte,
Também da orgia a c'roa renegaste.

A ti que herdeiro duma raça livre
Tomaste o velho arnês e a cota d'armas,
E, no ginete que escarvava os vales,
A corneta esperaste dos alarmas.

E' tempo agora p'ra quem sonha a glória
E a luta... e a luta, essa fatal fornalha,
Onde referve o bronze das estátuas,
Que a mão dos séc'los no futuro talha...

Parte, pois; ¡solta livre aos quatro ventos
A alma cheia das crenças do poeta!...
Ergue-te, oh luz! — Estrêla para o povo,
— Para os tiranos lúgubre cometa.

Há muita virgem que ao prostíbulo impuro
A mão do algoz arrasta pela trança;
Muita cabeça de ancião curvada,
Muito riso afogado de criança.

Dirás à virgem:—Minha irmã, espera,
Eu vejo ao longe a pomba do futuro.
— Meu pai, dirás ao velho, dá-me o fardo
Que atropela-te o passo mal seguro...

Digitized by Google

Immensis orbibus anguis. 120
O tonel das Danaides 122
É tarde! 124
O fantasma e a canção. 127
Poesia e mendicidade 130
Versos de um viajante. 134
Horas de saudade. 136
O Hóspede 138
Coup d'étrier. 141
Pelas sombras 144
Fé, Esperança e Caridade 146
Os Perfumes 147
A uma estrangeira 150
Os anjos da meia-noite 154
Se eu te dissesse 163
O derradeiro amor de Byron 165
A Tarde 168
A Queimada 171
O Nadador 173
Crepúsculo sertanejo. 176
A Cachoeira 178
Aves de Arribação. 181
Uma página de escola realista 186
Deusa incruenta. 195
No Meeting do «Comité du Pain» 199
Durante um temporal 203
Consuelo 205
A Virgem dos últimos amores 210
A minha irmã Adelaide 215
Aquela mão! 217
Rezas 220
Adeus, meu canto! 223
Notas 231
Índice 233

Digitized by Google

ÍNDICE

Introdução 7
Prólogo (do Poeta) 31
Dedicatória 35
Mocidade e morte 36
Dalila 39
A cruz da estrada 43
O século 45
A visão dos mortos 50
Hebreia 53
Os três amores 55
Sub tegmine fagi 57
O livro e a América 61
Quem dá aos pobres empresta a Deus 65
O navio negreiro 68
Vozes d'África 78
Estrofes do Solitário 83
Canção do Boémio 86
Hino ao sono 89
O laço de fita 93
Boa-Noite 95
O adeus de Teresa 98
Ahasverus e o génio 100
Ao actor Joaquim Augusto 103
Adormecida 106
Jesuitas 108
Quando eu morrer 113
A volta da primavera 115
Murmúrios da tarde 117

Digitized by Google

Como quer que seja, talvez fôsse mais próprio o título de — Apóstolos —; estas palavras, porêm, são ou foram sinónimos na América do Sul. Que o digam Nóbrega e Anchieta.

QUANDO EU MORRER

Estes versos foram escritos quando julgava o autor repousar em terra estranha.

A febre e o sofrimento fizeram que êles ficassem truncados. Completá-los mais tarde seria de alguma sorte tirar-lhes o único mérito, que por acaso teem.

MURMURIOS DA TARDE

«E como a fouce que no chão fulgura
«Mostrava a lua o semi-círculo d'ouro, etc.»

Creio ter visto nas *Orientais* ou algures uma imagem semelhante.

VERSOS DE UM VIAJANTE

«Os pirilampos que trazeis nas coifas... etc.»

É uma graciosa invenção dos *Trabalhadores do mar*, onde se lê que *as moças do Rio de Janeiro assim, à noite, parecem trazer estrêlas no toucado.*

Digitized by Google

NOTAS

do Poeta a algumas das composições reunidas neste volume.

PROLOGO

«Era por uma dessas tardes... etc.»

Era por uma dessas noites vagarosas do inverno, em que o brilho de um céu sem lua é vivo e trémulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluto e tétrico.

(*Eurico*. — Cap. 4.º)

SUB TEGMINE FAGI

«Como no Dante a pálida Francesca.»

Francesca de Rimini é de-veras a rosa pálida das estrofes do Inferno Dantesco.

OS JESUÍTAS

Esta poesia é o verso de uma medalha, cujo reverso (*Os Frades*) sairá talvez em outro livro, que o autor imagina publicar.

Digitized by Google

Quando a piedosa, errante caravana,
Se perde nos desertos, peregrina,
Buscando na cidade muçulmana,
Do sepulcro de Deus a vasta ruína,
Olha o sol que se esconde na savana,
Pensa em Jerusalêm, sempre divina,
Morre feliz, deixando sôbre a estrada
O marco miliário duma ossada.

Assim, quando essa turba horripilante,
Hipócrita sem fé, bacante impura,
Possa curvar-te a fronte de gigante,
Possa quebrar-te as malhas da armadura,
Tu deixarás na liça o férreo guante,
Que há de colhêr a geração futura...
Mas, não... crê no porvir, na mocidade,
Sol brilhante do céu da liberdade.

Canta, ¡filho da luz da zona ardente
Dêstes serros soberbos, altanados!
Emboca a tuba lúgubre, estridente,
Em que aprendeste a rebramir teus brados.
Levanta das orgias — o Presente,
Levanta dos sepulcros — o Passado,
Voz de ferro! ¡¡desperta as almas grandes
Do Sul ao Norte... do Oceano aos Andes!!...

Recife — 1865.

(Os Escravos.)

Digitized by Google

III

Companheiro da noite mal dormida,
Que a mocidade vela sonhadora,
Primeira fôlha d'árvore da vida,
Estrêla que anuncia a luz da aurora,
Da harpa do meu amor nota perdida,
Orvalho que do seio se evapora,
E' tempo de partir... Voa, meu canto,
Que tantas vezes orvalhei de pranto.

¡ Tu foste a estrêla vésper que alumia
Aos pastores da Arcádia nos fraguedos!
Ave que no meu peito se aquecia
Ao murmúrio talvez dos meus segredos.
Mas, hoje, que sinistra ventania
Muge nas selvas, ruge nos rochedos,
Condor sem rumo, errante, que esvoaça,
Deixo-te entregue ao vento da desgraça.

Quero-te assim. Na terra o teu fadário
E' ser o irmão do escravo que trabalha;
E' chorar junto á cruz do seu calvário,
E' bramir do senhor na bacanália...
Se vivo, seguirás o itinerário,
Mas, se — morto — rolares na mortalha,
Terás, selvagem filho da floresta,
Nos raios e trovões hinos de festa.

Digitized by Google

E o homem, vaga que nasce
No oceano popular,
Tem que impelir os espiritos,
Tem uma plaga a buscar.
Oh! maldição ao poeta
Que foge — falso profeta —
Nos dias de provação!
Que mistura o tôsco iambo
Com o tirio ditirambo
Nos poemas d'aflição!...

«Trabalhar!» ¡brada na sombra
A voz imensa de Deus!
«Braços! voltai-vos pr'a terra,
¡Frontes voltai-vos pr'os céus!»
Poeta, sábio, selvagem,
¡Vós sois a santa equipagem
Da nau da civilização!
Marinheiro — sobe aos mastros,
Piloto, — estuda nos astros,
Gageiro, — olha a cerração!»

Uivava a negra tormenta
Na enxárcia, nos mastaréus.
Uivavam nos tombadilhos,
Gritos insontes dos réus.
Vi a equipagem medrosa
Da morte à vaga horrorosa
Seu próprio irmão sacudir.
E bradei: «Meu canto voa,
Terra ao longe! terra à proa!...
¡Vejo a terra do porvir!...»

Digitized by Google

E' belo... E já quantas vezes
Não saudei a terra, o céu,
E o Universo—¿¡Bíblia imensa
Que Deus no espaço escreveu?!
Que vezes nas cordilheiras,
Ao canto das cachoeiras,
Eu lancei minha canção,
Escutando as ventanias
Vagas, ¿¡tristes profecias
Gemerem na escuridão?!...

Já também amei as flores,
As mulheres, e o arrebol,
E o sino que chora triste,
Ao morno calor do sol.
Ouvi saudoso a viola,
Que ao sertanejo consola,
Junto à fogueira do lar,
Amei a linda serrana,
Cantando a mole *tirana*,
Pelas noites de luar.

Da infância o tempo fugindo,
Tudo mudou-se em redor.
Um dia passa em minh'alma
Das cidades o rumor.
Soa a idea, soa o malho,
O ciclope do trabalho
Prepara o raio do sol
Tem o povo—mar violento—
Por armas — o pensamento,
A verdade por farol.

Digitized by Google

Eu sei que a raça impudente
Do escriba, do fariseu,
Que ao Cristo eleva o patíbulo,
A fogueira a Galileu,
É o fumo da chama vasta,
Sombra que o século arrasta,
Negra, torcida, a seus pés;
Tronco enraigado no inferno,
Que se arqueia, sempre, eterno,
Das idades através.

E êles dizem, reclinados
Nos festins de Baltazar:
« ¡Que importuno é êsse que canta
Lá no Eufrate a soluçar?
Prende aos ramos do salgueiro
A lira do cativeiro,
Profeta da maldição,
Ou, cingindo a augusta fronte
Com as rosas d'Anacreonte
¡Canta o amor e a criação!...»

Sim! cantar o campo, as selvas,
As tardes, a sombra a luz;
Soltar su'alma com o bando
Das borboletas azúis;
Ouvir o vento que geme,
Sentir a fôlha que treme,
Como um seio que pulou,
Das matas entre os desvios,
Passar nos antros bravios
Por onde o jaguar passou;

Digitized by Google

A cada berço levarás a crença.
A cada campa levarás o pranto.
Nos berços nus, nas sepulturas rasas,
— Irmão do pobre — viverás, meu canto.

E, pendido através de dois abismos,
Com os pés na terra e a fronte no infinito,
Traze a bênção de Deus ao cativeiro,
¡ Levanta a Deus do cativeiro o grito !

II

Eu sei que, ao longe, na praça,
Ferve a onda popular,
Que às vezes é pelourinho,
Mas poucas vezes altar,
Que zombam do bardo atento,
Curvo ao murmúrio do vento
Nas florestas do existir,
Que babam fel e ironia
Sôbre o ôvo da utopia,
Que guarda a ave do porvir.

Eu sei que o ódio, o egoísmo,
A hipocrisia, a ambição,
Almas escuras de grutas,
Onde não desce um clarão,
Peitos surdos às conquistas,
Olhos fechados às vistas,
Vistas fechadas à luz,
Do poeta solitário
Lançam pedras ao calvário,
Lançam blasfêmias à cruz.

Digitized by Google

Digitized by Google

THIS BOOK IS DUE ON THE LAST DATE STAMPED BELOW

AN INITIAL FINE OF 25 CENTS
WILL BE ASSESSED FOR FAILURE TO RETURN THIS BOOK ON THE DATE DUE. THE PENALTY WILL INCREASE TO 50 CENTS ON THE FOURTH DAY AND TO $1.00 ON THE SEVENTH DAY OVERDUE.

DEC 14 1945
FEB 21 1946
SEP 23 1947
27Apr'54BP
MAY 7 1954 LU
JUN 6 '63 A
REC'D LD
MAY 24 1963
AUTO DISC JUL 12 1990
SEP 06 2000

LD 21-100m-7,'40(6936s)

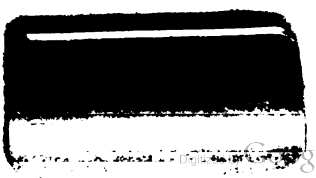
Digitized by Google

U.C. BERKELEY LIBRARIES

C003332859

645902

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY



Livrarias AILLAUD e BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA BRASILEIRA

ORGANISADA POR

AFRÂNIO PEIXOTO
Da Academia Brasileira

CONSTÂNCIO ALVES
Da Bibliotheca Nacional

A série da **Antologia Brasileira,** organizada com a mesma orientação que a **Antologia Portuguesa** virá a constar de uns trinta volumes, pelo menos. Não será apresentada ao publico com numeração editorial e cada possuidor a ordenará como entenda, ou cronologicamente, ou por poetas e prosadores, segundo o seu criterio e vontade.

Volumes publicados:

José Bonifacio (o velho e o moço)
[illegible]

Volumes no prélo:

Joaquim Nabuco, Vieira Brasileiro e José de Alencar

Em preparação:

Gonçalves Dias, Tavares Bastos, Alvares de Azevedo,
Junqueira Freire,
Os poetas da inconfidencia, Os epicos nacionais,
Oradores Sacros, Os grandes jornalistas,
Francisco Octaviano, Pedro Luiz,
Machado de Assis, João Francisco Lisboa,
Os grandes oradores Parlamentares, etc., etc.

Dirigir os pedidos às Livrarias:

Francisco Alves — RIO DE JANEIRO
Aillaud e Bertrand — LISBOA

Digitized by Google